



ACADEMIA MILITAR “MARECHAL SAMORA MACHEL”

MARCELINA TEODORO NAILON

(INFANTARIA)

**INSTRUÇÃO PRÁTICA DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS AOS CADETES DE
INFANTARIA NA ACADEMIA MILITAR “MARECHAL SAMORA MACHEL”**

(2013-2015).

Nampula

2016

MARCELINA TEODORO NAILON

(INFANTARIA)

INSTRUÇÃO PRÁTICA DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS AOS CADETES DE INFANTARIA NA ACADEMIA MILITAR “MARECHAL SAMORA MACHEL” (2013-2015).

Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) apresentado à Academia Militar “Marechal Samora Machel” como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria.

Orientador: Manuel Tomás Tivana

(Tenente Coronel de Infantaria)

Nampula

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcelina Teodoro Nailon

Instrução Prática de Operações defensivas aos Cadetes de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel” (2013-2015). Esta Monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do Título de Licenciada em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria pela Academia Militar “Marechal Samora Machel”, tendo sido atribuída a nota _____ (_____).

Nampula, aos ____/____/2016.

O Corpo Jurado:

Presidente da Mesa de Júri

()

Tutor

Manuel Tomás Tivana

(Tenente Coronel de Infantaria)

Arguente

()

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro que esta Monografia Científica é resultado da minha investigação pessoal, sob orientação do meu supervisor e do guião da Academia Militar “Marechal Samora Machel”, pelo que o seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas ao longo do trabalho, nas notas de rodapé e na bibliografia final. Declaro ainda que este trabalho não foi apresentado em nenhuma outra instituição para a obtenção de qualquer grau académico.

Nampula, Novembro de 2016

Marcelina Teodoro Nailon

(Aspirante de Infantaria)

DEDICATÓRIA

À minha família e de forma particular aos meus Pais Teodoro Nailon e Rosa Menzane.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo dom da vida mesmo sabendo que não sou digna da sua graça.

Aos meus pais que tanto os amo: Teodoro Nailon e Rosa Menzane pelo amor incondicional que vem me dando, pelo apoio prestado desde meu ensino primário até esta fase, e por não terem permitido que algo me faltasse durante a minha formação na AM.

Aos meus queridos irmãos, Olga, Felicidade, Mónica, Edson, Filomena, Mohamed e Amina pela compreensão, amor, carinho, eles foram meu impulso para estudar.

Ao meu tutor Tenente Coronel Manuel Tomás Tivana, o meu muito obrigado pela paciência e dedicação que teve para elaboração do meu trabalho.

Aos meus amigos, Geraldo, Isac, Maia e Assinde que sempre me deram força, carinho e por terem me tornado meu período de formação muito agradável.

Aos meus colegas de curso em especial o curso de Infantaria pela ajuda que sempre deram-me desde o início até o fim da minha formação.

E por fim, os meus agradecimentos se estendem para aqueles que directa ou indirectamente manifestaram vontade na realização deste trabalho, sobretudo aos docentes de tática de infantaria e aos cadetes do curso de formação de Oficiais na especialidade de Infantaria da Academia Militar “Marechal Samora Machel”, que com paciência responderam as perguntas que compunham o meu guião de entrevista e questionário de modo a me ajudar no levantamento de dados para de seguida confrontar com as hipóteses anteriormente traçadas.

RESUMO

Esta monografia científica é parte conclusiva da Licenciatura em ciências militares na especialidade de Infantaria. Tem como tema: Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel” (2013-2015). Objectivo geral: Conhecer os factores que contribuem para a falta de ligação teoria e prática das operações defensivas aos cadetes de infantaria na AMMSM. Questão de partida: Que factores contribuem para a falta de ligação teoria e prática de Operações defensivas aos cadetes de infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”? Quanto a metodologia baseou-se na abordagem qualitativa, quanto aos objectivos foi descritiva e no que se refere aos procedimentos foi uma pesquisa de campo. Foi usada a técnica de entrevista do tipo semi – estruturada e questionário composto por perguntas fechadas. Teve como universo, docentes e cadetes do curso de Infantaria na qual tirou-se uma amostra aleatória de 8 indivíduos, sendo 3 docentes de táctica e 5 cadetes. Os resultados apontam que a nossa primeira hipótese foi confirmada, uma vez que, conclui-se que a falta de condições financeiras para a aquisição de equipamento (enxadas; pás; tanques; escavadoras; etc.) na AMMSM pode contribuir para a falta de ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria. Sugere-se que a Academia Militar proporcione aos docentes e cadetes equipamentos adequados para a Instrução de Operações Defensivas.

Palavras – chave: Academia Militar; Instrução Prática; Operações Defensivas.

ABSTRACT

This scientific monograph is the last part of the degree in military science at the Infantry specialty. Its theme: Instruction Defensive Operations Practice the Cadets Infantry at the Military Academy "Marechal Samora Machel" (2013-2015). Overall objective: Knowing the factors contributing to the lack of theory and practical connection of defensive operations to infantry cadets in AMMSM. Starting question: What factors contribute to the lack of link theory and practice of defensive operations the infantry cadets at the Military Academy "Marechal Samora Machel"? The methodology was based on qualitative approach, on the objectives and was descriptive in relation to the procedures was a field research. Semi kind of interview technique was used - and structured questionnaire with closed questions. Had the universe, teachers and cadets of the course Infantry in which took up a random sample of eight individuals, three teachers tactic and 5 cadets. The results show that our first hypothesis was confirmed, since it appears that the lack of financial resources for the acquisition of equipment (hoes, shovels, tanks, bulldozers, etc.) in AMMSM may contribute to the lack of connection theory and practice of defensive cadets infantry operations. It is suggested that the Military Academy provides to teachers and cadets adequate facilities for instruction Defensive Operations.

Key - words: Military Academy; Practical Instruction; Defensive Operations.

ABREVIATURAS

AGR - Agrupamento

AMMSM – Academia Militar “Marechal Samora Machel”

AO – Área de Operações

CCAF – Centro de Coordenação de Apoio de Fogo

FADM – Forças Armadas de Defesa de Moçambique

IN – Inimigo

LPF – Linha de Protecção Final

MITM-TC - Missão, Inimigo, Terreno, Meios – Tempo disponível e Considerações Cívicas

NBQ – Nuclear, Biológica e Química

NEP – Normas de Execução Permanente

OAZR - Orla Anterior da Zona de Resistência

PC – Posto de Comando

PE – Posto de Escuta

PO – Posto de Observação

SIGLAS

ACarM – Armas Anticarro de Médio Alcance

CmdtPel – Comandante de Pelotão

ÍNDICE GERAL

FOLHA DE APROVAÇÃO	iii
DECLARAÇÃO DE HONRA	iv
DEDICATÓRIA	v
AGRADECIMENTOS.....	vi
RESUMO.....	vii
ABSTRACT	viii
SIGLAS.....	x
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xiv
ÍNDICE DE APÊNDICES	xv
INTRODUÇÃO.....	16
CAPITULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	20
1.1 Conceitos Básicos	20
1.1.1 Instrução	20
1.1.2 Prática	20
1.1.3 Infantaria.....	21
1.1.4 Operação Defensiva	21
1.2 Operações defensivas	21
1.2.1 Finalidade da operação defensiva	21
1.2.2 Conceitos operacionais da operação defensiva	21
1.2.3 Tipos de operações defensivas.....	23

1.2.3.1 Defesa de área	23
1.2.3.2 Defesa móvel	24
1.2.4 Fundamentos de defesa	24
1.2.5 Formas de defesa	28
1.2.6 Técnicas de Defesa	33
1.2.7 Organização da defesa	36
1.2.7 Planeamento da Defesa.....	37
CAPITULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
2.1 Metodologia	51
2.2 Tipo de pesquisa.....	51
2.2.1 Quanto a abordagem	51
2.2.2 Quanto aos objectivos.....	52
2.2.3 Quanto aos procedimentos técnicos	52
2.3 Técnica de colecta de dados	53
2.3.1 Entrevista.....	53
2.3.2 Questionário	54
2.4 Universo e Amostra	54
2.4.1 Universo.....	54
2.4.2 Amostra	54
2.5 Caracterização do campo de estudo.....	55
2.5.1 Academia Militar “Marechal Samora Machel”	55
CAPITULO III- APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	58

3.2. Apresentação, análise e interpretação dos dados.....	58
3.2.1 Apresentação dos dados obtidos a partir da entrevista aos Docentes de Tática de Infantaria.....	59
3.2.2 Apresentação dos dados obtidos a partir do questionário direccionado aos Cadetes de Infantaria.....	61
3.3 Verificação das Hipóteses.....	63
Conclusão.....	65
Sugestões.....	66
Bibliografia.....	67
Apêndices.....	69

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01: Ilustração de Defesa Avançada.....	31
Figura 02: Ilustração de Defesa em Profundidade.....	32
Figura 03: Ilustração de Posição de Combate de Pelotão.....	39
Figura 04: Ilustração de Posições de Combate.....	40
Figura 05: Ilustração de Posição de Combate.....	41
Figura 06: Ilustração da vista frontal da Academia Militar “Marechal Samora Machel”.....	56

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice 01 - Entrevista direccionada aos Docentes de Tática de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.....	71
Apêndice 02 - Questionário direccionado aos Cadetes do curso de Formação de Oficiais na especialidade de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.....	72

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa enquadra-se no quadro de Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) da Academia Militar “Marechal Samora Machel”, e visa a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria. O mesmo subordina-se ao tema: ***Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel” (2013-2015)***. Assim sendo, esta pesquisa tem como objecto de estudo as operações defensivas. Visto que, as operações defensivas são operações militares destinadas a derrotar um ataque inimigo, ganhar tempo, economizar forças e criar condições favoráveis para desencadear operações ofensivas. Também pode ser utilizada para desgastar o inimigo e reduzir a sua capacidade ofensiva com um mínimo de perdas para as forças na defensiva ou simplesmente para impedir as forças inimigas de entrarem numa determinada zona.

Portanto, durante o combate o defensor tem significativas vantagens sobre o atacante, pelo facto de não só escolher o terreno onde se desenrolará o combate, bem como por ser o primeiro a ocupar e organizar o combate de acordo com o seu plano. Com este tema a autora pretendeu Conhecer os factores que contribuem para a falta de ligação Teoria e Prática de Operações defensivas aos Cadetes de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.

A escolha deste tema especificamente na Academia Militar deveu-se ao facto da autora estar a adquirir os conhecimentos sólidos na área das ciências militares e especificamente no curso de infantaria, onde as operações defensivas constituem um dos elementos preponderantes para o curso da infantaria como também para todas as forças Armadas de Moçambique.

Diante disso, durante a formação de oficiais do curso de Infantaria a autora vinha observando que na Academia Militar tem havido falta ligação dos conteúdos teóricos abordados na cadeira de táctica de infantaria, referentes as operações defensivas, com o que realmente se tem vivido no campo, ou seja, das vezes em que os cadetes de infantaria eram destacados a instrução prática, as actividades que lá exerciam eram relativamente as operações ofensivas e não defensivas com vista a preparar os futuros comandantes do pelotão de domínios teóricos e práticos das operações defensivas.

Sendo, a missão da infantaria a de combater em qualquer parte do campo de batalha tornando-se, deste modo, uma parte essencial da estrutura do Exército conduzindo operações terrestres com armas combinadas e em combate próximo, esta deve saber como se posicionar na defesa, aliando a premissa que esta operação é essencial para criação de condições para o ataque.

Portanto, nesta instituição de ensino no curso de oficiais de infantaria os docentes tem transmitido todos os conhecimentos teóricos possíveis no que diz respeito as operações defensivas, mas em momento algum os cadetes de infantaria tiveram a oportunidade de verem estes mesmos conhecimentos a serem implementados na prática, razão pela qual fez com que a autora se interessasse em aprofundar o tema.

Diante disso, surge uma inquietação na autora o que a levou na escolha do tema e que mereceu uma análise e um estudo, daí que se levantou a seguinte questão de partida: ***Que factores contribuem para a falta de ligação teoria e prática de Operações defensivas aos cadetes de infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”?***

Em jeito de justificativa, de referir que, tendo em conta que as forças armadas de defesa de Moçambique tem o desafio de assegurar a defesa do território nacional e fazer face a qualquer tipo de ameaça, agressão externa como interna incluindo o terrorismo que vem ameaçando o mundo inteiro na actualidade, há necessidade de investir mais não apenas no domínio teórico das operações defensivas mas também do domínio prático, isto porque os futuros comandantes do pelotão formados no curso de infantaria precisam estar munidos dos dois componentes (teóricos e práticos) referente as operações defensivas para que possam se necessário recorrer-los em casos de possíveis conflitos onde estes sejam destacados.

A constante preparação prática do pelotão de infantaria em relação as operações defensivas pode contribuir para a vitória das nossas forças e no alcance do objectivo almejado, o de derrotar o inimigo.

Desta forma, julga-se importante o interesse em falar da instrução prática das operações defensivas para o curso de infantaria, pois a pesquisa poderá contribuir na ocorrência duma estreita ligação entre os aspectos teóricos e práticos dos mesmos durante o serviço de instrução naquela instituição de ensino superior.

A pesquisa poderá contribuir positivamente na instituição, assim como, nas Forças Armadas de Defesa de Moçambique, visto que estas operações destinam-se a desgastar o inimigo e reduzir a sua capacidade ofensiva com um mínimo de perdas para as forças na defensiva ou simplesmente para impedir as forças inimigas de entrarem numa determinada zona.

A autora define que essa pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem por objectivo proporcionar resposta ao problema que é proposto.

A relevância desta pesquisa não se apreende apenas ao facto de constituir um trabalho de pesquisa académica, mas também por esta trazer conhecimentos capazes de minimizar o problema ligado a instrução prática das operações defensivas aos cadetes de infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.

No que diz respeito aos objectivos que se pretendiam alcançar com a pesquisa, de referir que a pesquisa tinha como objectivo geral: Conhecer os factores que contribuem para a falta de ligação teoria e prática das operações defensivas aos cadetes de infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.

Objectivos específicos, “correspondem as acções que se propõe a executar dentro de um determinado período de tempo. Tem a função intermediária e instrumental, indicando o caminho para se atingir os objectivos gerais”.

E para o alcance do objectivo geral, a autora guiou-se pelos seguintes objectivos específicos:

- ✓ Identificar os procedimentos teóricos e práticos de operações defensivas aos cadetes de infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”;
- ✓ Descrever as dificuldades enfrentadas pelos docentes de táctica de infantaria na ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria;
- ✓ Propor algumas sugestões com vista a promover a ligação teoria e prática da instrução de operações defensivas aos cadetes de infantaria na AMMSM.

Em conformidade com algumas bibliografias consultadas e de acordo com a nossa percepção acerca da problemática em alusão, traçamos algumas hipóteses de investigação que poderão ser aceites ou refutadas, de acordo com os dados da investigação.

É a possível resposta ao questionamento realizado a partir do problema. As hipóteses são falseáveis, no sentido de que o pesquisador poderá refuta-la ao longo da implementação da pesquisa.

O papel fundamental da hipótese na pesquisa é sugerir explicações para os fatos. Essas sugestões podem ser a solução para o problema, podem ser verdadeiras ou falsas, mas, sempre que bem elaboradas, conduzem a verificação empírica, que é o propósito da pesquisa científica.

Tendo em vista as argumentações acima, as supostas respostas podem ser:

- ✓ H1: A falta de condições financeiras para a aquisição de equipamento (enxadas; pás; tanques; máquinas escavadoras; etc.) na AMMSM pode contribuir para a falta de ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria;
- ✓ H2: O insuficiente número de corpo docente especializado em operações defensivas na AMMSM pode contribuir para a falta de ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria.

Para além dos elementos pré-textuais e pós textuais, o trabalho está estruturado em três (03) capítulos a saber:

CAPITULO I, neste capítulo fez-se menção da Revisão da Literatura que sustenta a pesquisa, dando as directrizes do tema em termos do conteúdo.

Em seguida, o CAPITULO II, onde sustenta-se os procedimentos metodológicos que orientam as linhas desta pesquisa, este capítulo enfatiza os procedimentos científicos que constituem o alicerce deste estudo.

Para terminar, CAPITULO III, onde se materializa o estudo, em que concilia-se todos dados obtidos com a discussão e estabelece-se uma relação indissociável entre situação real e as técnicas de colecta de dados usadas. Por fim, são apresentadas as conclusões e sugestões para a resolução do problema e estão patentes as referências bibliográficas.

CAPITULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo é reservado a revisão da literatura acerca do tema e do problema em análise, onde se dá as directrizes de ordem teórica mas antes foram trazidos alguns conceitos chaves dos termos abordados no arrolar do trabalho. Nesta vertente importa referir que toda a pesquisa requer um embaçamento teórico, para tal fez-se o levantamento bibliográfico, de obras científicas e resultados de outras pesquisas partindo do principio de que nenhuma pesquisa parte do nada.

Toda pessoa precisa receber retroacção a respeito do seu desempenho saber como esta fazendo seu trabalho e fazer as devidas correcções, sem essa retroacção as pessoas caminham as cegas também a organização precisa saber como as pessoas desempenham as suas actividades para ter uma ideia das suas potencialidades, assim as pessoas e as organizações precisam conhecer tudo a respeito do seu desempenho (Chiavenato, 2010).

1.1 Conceitos Básicos

1.1.1 Instrução

De acordo com o Glossário de termos e expressões para uso no exército (2003, p. 131) **instrução** é a forma de ordem pela qual um comandante transmite a um ou mais subordinados amplos desígnios, normas e planos que orientam sua acção, num período de tempo considerável.

A autora do trabalho é da opinião de que, instrução é toda a actividade executada de forma prática, num determinado espaço, em que dum lado esta o instrutor e do outro a pessoa ou grupo de instruendos.

1.1.2 Prática

A prática é a acção que se desenrola com a aplicação de certos conhecimentos. Designa a actividade humana, compreendida como relação activa com o meio ambiente.

A prática para a autora do trabalho é a materialização de todo o conhecimento teórico adquirido numa determinada área.

1.1.3 Infantaria

Infantaria é considerado por Borges (2009, p. 34),

“Como a mais antiga arma do Exército e geralmente dotada dos maiores efectivos, formada por soldados que podem combater em todos os tipos de terreno e sob quaisquer condições meteorológicas. Sua principal missão é conquistar e manter o terreno, aproveitando a capacidade de progredir em pequenas fracções, de difícil detecção e grande mobilidade. A infantaria contemporânea frequentemente emprega o princípio de Fogo e movimento para atingir uma posição dominante em relação àquela do inimigo”.

1.1.4 Operação Defensiva

“Operação realizada sob condições adversas, particularmente a inferioridade de meios, destinada a conservar a posse de uma área ou território, ou negá-los ao inimigo, e, também, a garantir a integridade de uma unidade ou meio. Normalmente, neutraliza ou reduz a eficiência dos ataques inimigos sobre meios ou territórios defendidos, infligindo-lhe o máximo de desgaste e desorganização, buscando criar condições mais favoráveis para a retomada da ofensiva” (Mendes, 2008, p. 181).

1.2 Operações defensivas

1.2.1 Finalidade da operação defensiva

De acordo com Miguel (1987, p. 257), a finalidade de uma operação defensiva pode ser:

- Destruir forças inimigas e provocar o insucesso do seu ataque;
- Criar condições mais favoráveis para passar à ofensiva;
- Economizar forças em certas áreas para as poder concentrar noutras;
- Manter a posse de objectivos táticos ou estratégicos e;
- Induzir o inimigo em erro forçando-o a concentrar forças em áreas que o tornem mais vulnerável.

1.2.2 Conceitos operacionais da operação defensiva

a) O defensor tem significativas vantagens sobre o atacante. Ele não só escolhe o terreno onde se desenrolará o combate, como o ocupa primeiro e organiza de acordo com o seu plano. Poderá manter fortes reservas até que o inimigo materialize o seu esforço, actuando então no momento e local por si seleccionados. Favorecem ainda o defensor o efeito dos

obstáculos, do fogo dos meios aéreos e de armas convencionais sobre as tropas expostas, e ainda de certos aspectos de guerra nuclear, química e electrónica.

Sempre que a defesa de determinadas áreas seja previsível desde o tempo de paz, devem ser elaborados os planos de obstáculos, tendo em vista o efeito de contra-mobilidade e poderá ser previsto o pré-posicionamento dos materiais necessários à execução dos referidos obstáculos.

b) A iniciativa é essencial no combate e o defensor deve aproveitar todas as oportunidades para a obter. Apesar de o atacante escolher a hora do lançamento do ataque e o local do seu esforço, o defensor pode usar medidas de decepção, efectuar operações de segurança e manobrar as suas forças de modo a confundir e desgastar o inimigo, obrigando a que o combate principal se realize de acordo com o plano defensivo.

As vulnerabilidades e os erros de inimigo devem ser explorados e todas as oportunidades para o contra-atacar e destruir devem ser aproveitadas. O ímpeto do ataque será certamente sustido se forem atacados os meios inimigos dispostos em profundidade. A destruição e desgaste desses elementos de manobra, de apoio de combate e de apoio de serviços, afectarão significativamente o desenrolar do combate, desarticulando toda a força atacante e retirando aos elementos avançados o apoio de que necessitam.

c) Uma operação defensiva compreende um conjunto de acções com empenhamentos maiores ou menores. Elementos de uma mesma unidade podem estar empenhados na manutenção de posições, em acções de retardamento, em acções ofensivas, em acções de decepção, na execução de fogos ou na preparação de obstáculos. Todas estas acções, porém, são parte da operação defensiva da unidade, contribuindo no seu todo para atingir o objectivo daquela.

d) O espírito ofensivo é fundamental no decorrer das operações defensivas. Variadas acções deverão ser desencadeadas a fim de se criarem condições para desorganizar, desgastar e destruir o inimigo. Para tanto, há que manter um elevado espírito agressivo por parte das tropas e conseguir uma chefia firme, com elevada capacidade técnica e táctica, a fim de que os meios possam ser empregues, sem hesitações e decisivamente, no local e momento próprios.

Uma operação defensiva eficaz pode constituir uma oportunidade para a destruição do inimigo.

1.2.3 Tipos de operações defensivas

De acordo com Manual do Agrupamento/Batalhão de Infantaria Mecanizado (2008) Existem dois tipos de acções defensivas: **defesa de área** e **defesa móvel**. Cada um destes tipos de defesa contém elementos uns dos outros e normalmente contém elementos estáticos e dinâmicos. Os Agrupamentos servem como principais elementos de manobra ou unidades de controlo do terreno da brigada em todos os tipos de operações defensivas. Podem defender a Área de Operações (AO), posições ou podem servir como forças de segurança ou reservas como parte da defesa coordenada da brigada.

1.2.3.1 Defesa de área

A defesa de área consiste em negar o acesso a uma força inimiga a um determinado terreno por um período de tempo específico.

A destruição instantânea do inimigo pode não ser um critério para o sucesso.

O foco incide na posse do terreno onde o grosso da força que defende posiciona-se em posições com apoio mútuo e controla o terreno entre posições. O mecanismo da derrota é os fogos nas áreas de empenhamento, geralmente complementados pela intervenção da reserva. O comandante usa a sua força da reserva para reforçar fogos, adicionar profundidade, deter penetrações, restaurar posições ou contra-atacar para destruir as forças inimigas e para ganhar a iniciativa.

A defesa de área é conduzida quando:

- A missão requer manter um determinado terreno por um período de tempo específico;
- Há tempo suficiente para organizar a posição;
- O Agr ou brigada tem menos mobilidade que o inimigo;
- O terreno limita os contra-ataques a algumas opções de emprego prováveis;
- O terreno apresenta linhas naturais de resistência e limita o inimigo a alguns eixos de aproximação bem definidos, restringindo desse modo a manobra do inimigo.

1.2.3.2 Defesa móvel

A defesa móvel centra-se na destruição ou na derrota do inimigo através de um contra-ataque decisivo. O principal é a derrota ou a destruição do inimigo permitindo que ele avance até um ponto onde seja exposto a um contra-ataque decisivo pela força de ataque. A força de ataque é uma força composta pelo grosso do potencial de combate e tornada mais forte com a maioria dos multiplicadores disponíveis de combate. A força de fixação molda o campo de batalha e o In, criando as condições para a força de ataque.

a) **Profundidade.** A defesa móvel requer uma profundidade considerável na área de operações para que o comandante molde o campo de batalha, fazendo com que o In estenda as suas linhas de comunicação e de apoio, expondo os seus flancos, e disperse o seu potencial de combate. O terreno deve permitir ao comandante manobrar para atacar um flanco In ou a retaguarda.

1.2.4 Fundamentos de defesa

A nível da Companhia, o planeamento, a preparação e a conduta da defesa baseiam-se nos fundamentos a seguir indicados.

a) Conhecer o Inimigo

O Comandante de Companhia deve conhecer perfeitamente as possibilidades e limitações do inimigo. Tem de conhecer a organização das unidades do inimigo e o seu desenvolvimento para o ataque, bem como das possibilidades e modo de emprego das armas e do equipamento. Este fundamento e o seguinte contribuem para a satisfação do princípio das **informações** dos comandos superiores.

b) Ver o Campo de Batalha

Antes do combate, o Comandante de Companhia esforça-se por adquirir, desenvolver e difundir toda a informação possível sobre a localização, a organização e o potencial de combate do Inimigo. Ele próprio coloca-se onde possa observar o campo de batalha. Iniciado o combate, tem de assegurar um fluxo contínuo de informações sobre as actividades do inimigo para aumentar o seu conhecimento, tendo em vista a tomada de decisões precisas e oportunas.

Deve adoptar medidas de segurança para negar ao inimigo informações semelhantes.

c) Concentrar o potencial de combate no Momento e locais críticos

Os primeiros meios a concentrar referem-se aos fogos de artilharia e de morteiros. Estes podem ser rapidamente transformados para pontos críticos com a finalidade de retardar, desorganizar ou destruir um ataque inimigo e voltarem a ser de novo transportados para combater outras ameaças. A concentração dos fogos das armas de infantaria, dado o seu limitado alcance, impõe o seu prévio posicionamento antes do combate.

Outras armas de tiro directo, tais como os MGACarP e carros de combate, podem mais facilmente concentrar os seus fogos. Os MGACarp, dada a sua precisão, mesmo nos limites do alcance, concentram fogos, mudando de posições várias vezes.

Os pelotões/secções devem prever a ocupação de posições de combate de alternativa ou suplementares, tendo em vista concentrar o potencial de combate disponível na profundidade ao longo dos eixos de aproximação do inimigo no seu ataque. O segundo escalão da companhia (reserva) pode ser posicionado próximo de terreno crítico ou em prováveis eixos de inimigo. Para impedir que o inimigo consiga romper a defesa com rapidez, podem prever-se posições de detenção, posições de alternativa ou até pontos-forte. Se existirem unidade blindadas, estas podem ser empregues para reforçar ou contra-atacar em locais e momentos críticos. Contra-atacar forças blindadas com infantaria é muito difícil, contudo, em certas condições, a infantaria pode alcançar vantagem sobre o inimigo. Um contra-ataque com visibilidade limitada através de terreno restritivo para blindados, permite à infantaria estreitar o contacto com inimigo antes de ser detectada. Contra-ataques de infantaria. Contra infantaria apeada, podem e devem ser conduzidos sempre que necessário para manter a integridade da defesa e derrotar o atacante.

d) Explorar as Vantagens do Defensor

Dispondo de tempo, o Comandante de companhia aumenta as possíveis possibilidades de derrotar uma força atacante superior. Estuda o terreno com pormenor, familiarizando-se com os seus acidentes, o que aumenta a probabilidade de sucesso. O atacante é obrigado a actuar em terreno que vê pela primeira vez. O Comandante emprega a sua Companhia antecipadamente na preparação de posições de combate, construção de obstáculos e na dissimulação do dispositivo de defesa. O atacante tem de adivinhar onde está o defensor. O comandante de Companhia inicia o combate a partir de posições preparadas, estáveis, muito difíceis de detectar e que protegem do fogo inimigo. O atacante tem de reagir perante o

defensor, perdendo o ímpeto na procura de posições abrigadas. O Comandante de Companhia elabora planos flexíveis para o controlo dos fogos, do deslocamento, das comunicações e do apoio de serviços capazes de se adaptar a qualquer situação previsível. Este fundamento cumpre o princípio dos escalões superiores **aproveitamento do terreno**.

e) Combater como uma força de Armas Combinadas

A artilharia de campanha, a engenharia, a infantaria, a artilharia antiaérea, os carros de combate e os helicópteros de assalto/ataque contribuem para o êxito da missão.

O Comandante de Companhia integra todos os meios disponíveis de modo que os seus efeitos combinados sobre o inimigo, sejam maiores do que individualmente considerados. Cada meio, em dadas circunstâncias, pode ser o elemento crucial da defesa. Em terreno muito acidentado, a infantaria localiza os objectivos e procura a sua destruição com fogos maciços. Com helicópteros de assalto, a infantaria consegue movimentar-se e ficar em condições de deter ataques inimigos em áreas muito maiores. Em terreno mais aberto, podem empregar-se minas lançadas pela artilharia e obstáculos preparados pela engenharia, para retardar o avanço de blindados. A partir daí, a força aérea táctica e as armas anti-carro tornam-se os sistemas decisivos. O Comandante de Companhia assegura que cada elemento esteja integrado de modo a que as suas potencialidades sejam utilizadas ao máximo e as vulnerabilidades minimizadas.

Em completo dos fundamentos da defesa, o comandante de Companhia, ao planear a defesa considera o seguinte:

(1) DEFESA EM TODAS DIRECÇÕES

Embora a defesa, habitualmente, seja preparada para repelir um ataque proveniente de uma determinada direcção, a Companhia tem de estar preparada para se defender contra um ataque terrestre vindo de qualquer direcção. De certo modo isto é conseguido, preparando posições suplementares, estabelecendo ligação com as unidades adjacentes, montando postos de observação e destacando patrulhas. A Companhia deve estar sempre preparada para se precaver de ataques aéreos. A protecção antiaérea compreende medidas activas (mísseis portáteis terra-ar e tiro das armas portáteis) e medidas passivas (cobertura da observação aérea).

(2) DEFESA EM PROFUNDIDADE

A Companhia obtém profundidade pela colocação das suas subunidades e armas. Esta medida visa impedir o atacante de flanquear facilmente a defesa a defesa ou de exploração uma penetração.

Quando as armas anti-carro estão colocados em profundidade, têm menos probabilidade de serem suprimidas simultaneamente. Com profundidade garante-se capacidade de resistência.

(3) APOIO MÚTUO

As unidades e armas instalam-se de maneira a que os respectivos sectores de tiro se sobreponham e de modo a poderem fazer fogo contra forças inimigas que ataquem unidades e armas adjacentes. Este apoio deve ser garantido quer lateralmente quer em profundidade.

(4) SEGURANÇA

O defensor adopta todas as medidas necessárias para evitar ser surpreendido. Como o atacante tem a iniciativa de escolher o momento, local e a direcção do ataque, o defensor monta segurança para lançar o alerta. As medidas de segurança podem incluir: Postos de observação; dispositivos de vigilância, aquisição de objectivos e observação nocturna (STANO), sensores terrestres, minas, armadilhas e patrulhas.

A Companhia dispõe os elementos de segurança à frente, nos flancos e na retaguarda. A segurança deve estar montada em todas as direcções e em todas as condições meteorológicas.

(5) MAXIMIZAR A EFICÁCIA DAS ARMAS PRINCIPAIS

O Comandante de Companhia deve organizar a defesa com base nas armas mais eficazes contra o atacante.

Ao enfrentar uma força blindada superior, a atribuição e colocação das armas anti-carro (MGACar pesados e médios, minas e carros de combate), têm mais importância do que outros meios que lhes servem de complemento, para compensar as suas vulnerabilidades. As armas apropriadas contra a infantaria inimiga (metralhadoras, morteiros, artilharia e armas portáteis individuais) e os obstáculos antipessoal (arame farpado e minas) são integrados de modo a criar uma barragem para deter o inimigo e destruí-lo à frente das posições defensivas. As

armas anticarro reforçam esta barragem. A eficácia de todas as armas é maior quando têm cobertura e abrigo, que lhes permite reduzir os efeitos fogos de supressão inimigo.

(6) EMPREGAR OBSTÁCULOS PARA REFORÇAR AS POSIÇÕES E COMPLEMENTAR OS FOGOS

A implantação de obstáculos visa deter ou canalizar o inimigo. Os obstáculos existentes podem ser melhorados com campo de minas, abatizes, crateras em estrada, fossos e redes de arame farpado. Os obstáculos de maiores dimensões, normalmente são planeados pelos comandos superiores, embora à Companhia possa ser atribuída a tarefa de colaborar com a engenharia na sua construção.

(7) EMPREGAR ARMAS ANTICARRO PARA DESTRUIR OS BLINDADOS DO INIMIGO

Na defesa, é desejável destruir os blindados inimigo o mais à frente possível da posição da Companhia. Se bem que a Companhia esteja relativamente estática, os MGACarP são móveis. Podem em primeiro lugar bater os carros de combate inimigos de posições avançadas e em seguida ocupar posições, com os campos de tiro profundos, bem à retaguarda dos pelotões em primeiro escalão. Esta possibilidade dá profundidade à defesa e explora as vantagens do alcance do MGACarP sobre as peças dos carros de combate.

As armas anticarro médias são instaladas no interior das posições dos pelotões para baterem alvos às curtas e médias distâncias. As armas anticarro ligeiras (LAW) batem alvos às curtas distâncias.

Os fundamentos 5, 6, 7 contribuem para o princípio dos escalões superiores, “**COESÃO**”.

(8) EMPREGAR AO MÁXIMO A ACÇÃO OFENSIVA

O Comandante de Companhia tem de estar atento para obter a iniciativa por meio da acção ofensiva. Um patrulhamento agressivo mantém o ímpeto ofensivo em nível elevado e auxilia o Comandante a obter notícias sobre o campo de batalha.

1.2.5 Formas de defesa

Baseado no estudo e análise dos factores da decisão, o comandante define missões, articula as suas forças, atribui os meios de apoio de combate e de serviços e decide onde concentrar e onde pode correr riscos (Manual da Companhia de Atiradores, 2001).

Este estudo permite-lhe decidir sobre a **forma de defesa** a adoptar: **Defesa Avançada** ou **Defesa em Profundidade**.

Na **Defesa Avançada** o Comandante de Companhia, para além dos meios a colocar na zona da força de cobertura, atribui a maior parte do seu potencial de combate e define o seu esforço defensivo posicionando forças junto à OAZR, tão cedo quanto possível, enquanto os escalões superiores planeiam contra-ataques bem à frente, na Zona de Resistência ou para lá dela.

Na **Defesa em Profundidade** parte das forças, além de se disporem na Zona da Força de Cobertura, são colocadas na Zona de Resistência junto à OAZR, a fim de identificarem, definirem e controlarem a profundidade do esforço principal do inimigo e deter os atacantes secundários, enquanto que outras forças, dispostas em profundidade, realizam contra-ataques sobre os flancos do inimigo para isolar e destruir as suas forças, nomeadamente, no interior da Zona de Resistência.

O Comandante de Companhia pode adoptar, se a situação o aconselhar uma **forma intermédia** de defesa.

Não obstante à forma de defesa dos pelotões e armas, a defesa da Companhia deve ainda dispor de:

- Posições de combate organizadas;
- Segurança em todas as direcções;
- Campos de minas de protecção e outros obstáculos;
- Posições em apoio mútuo;
- Itinerários de reabastecimento e de retirada, cobertos e abrigados;
- Patrulhamento intensivo em períodos de visibilidade limitada para evitar a infiltração.

a) Defesa avançada

Esta forma de defesa permite a integração e sobreposição da observação e dos campos de tiro em todo o sector da Companhia, por forma a manter a coesão do dispositivo.

A Companhia tem os seus pelotões na Zona de Resistência e orienta os seus esforços de forma a deter o inimigo, bloqueando os eixos de aproximação nas proximidades da OAZR e organizando a posição em profundidade, de acordo com o terreno, para garantirem a sua conservação. As posições da Zona de Resistência só são evacuadas depois da autorização do Comandante de Batalhão. O Comandante de Companhia dispõe de posições de combate bem organizadas e preparadas. Planeia o emprego de elevado volume de fogos directos e indirectos para deter o atacante à frente da OAZR.

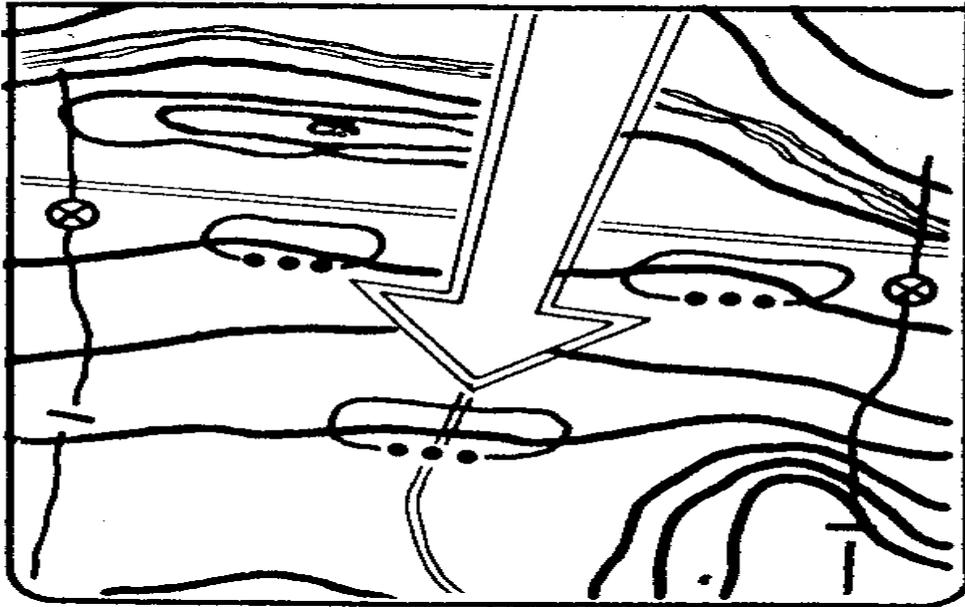
O segundo escalão (reserva) da Companhia é da ordem de um pelotão, destinando-se essencialmente a reforçar os pelotões em primeiro escalão e conferir profundidade ao dispositivo.

Para retardar e infligir baixas ao atacante são lançados campos de minas e outros obstáculos batidos pelo fogo. Inicialmente, o inimigo é batido às grandes distâncias por violentos fogos de apoio (força aérea táctica, helicópteros de ataque e artilharia de campanha) para lhe quebrar o ímpeto do ataque. Em seguida é abatido com fogos de morteiros, metralhadoras e armas portáteis, logo que fica dentro dos respectivos alcances. Se a defesa for penetrada, o avanço do inimigo tem de ser detido pelo segundo escalão. Em seguida desencadeiam-se contra-ataques intensos e na manobra mínima essencial, com a finalidade de destruir as forças isoladas ou vulneráveis e reocupar terreno importante para a defesa.

Emprega-se a forma de **defesa avançada** (defesa avançada com profundidade) quando:

- O inimigo dispõe de infantaria e blindados;
- Existe um eixo de aproximação para blindados que atravessa o sector da Companhia;
- A melhor posição defensiva é ao longo da OAZR;
- Determinado terreno ao longo da OAZR tem de estar na posse do defensor;
- A OAZR se apoia num bom espectáculo natural;
- A posse de terreno, na área avançada, estiver expressamente definida no com certo do Comandante de Batalhão;
- O sector defensivo é pouco profundo.

Figura 01: Ilustração de Defesa Avançada



Fonte: Manual de Companhia de atiradores (2001, p.76)

Quando a frente a defender excede a capacidade normal das forças disponíveis, obrigando-as assim, a correr riscos, o centro de gravidade do potencial de combate da Companhia está bem chegado à frente, dispondo de posições de combate bem organizadas e preparadas. O Comandante de Companhia planeia o emprego de um elevado volume de fogos directos e indirectos para deter o atacante e mantém uma reserva diminuta, talvez uma secção.

Emprega-se esta forma de **defesa avançada** (defesa em frentes extensas) quando:

- O inimigo é constituído principalmente por infantaria, ou há obstáculos naturais ou artificiais que neutralizam a mobilidade de unidades montadas e obrigam o inimigo a atacar a pé;
- Existem meios suficientes para dotar o sector com uma adequada densidade de potencial de combate capaz de detectar e deter um ataque de infantaria;
- Existe terreno de defensável ao longo da OZR atribuída à Companhia.

b) Defesa em Profundidade

Esta forma de defesa compreende uma série de posições de combate, organizadas com base em armas anticarro e protegidas pela Infantaria, em apoio mútuo e reforçadas com obstáculos,

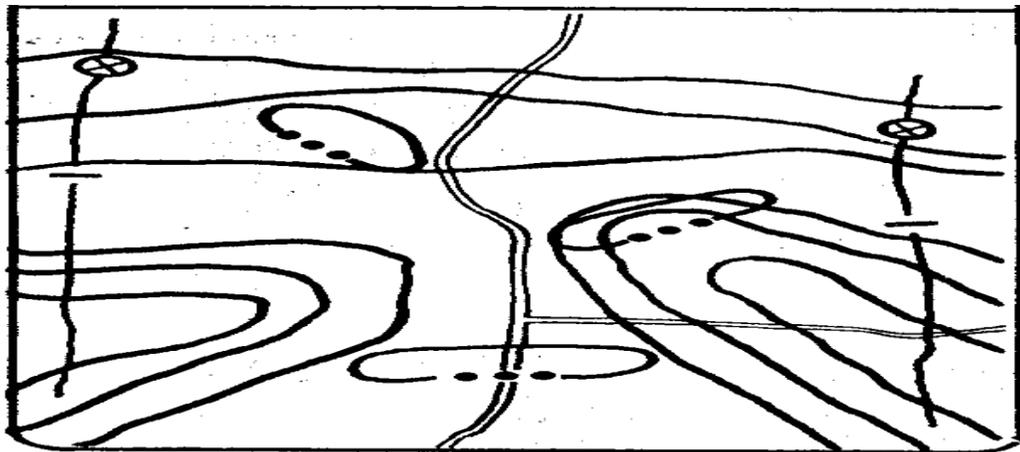
localizados em terreno restritivo a blindados. Quanto mais as posições avançadas possam garantir a total integridade da linha da frente tanto melhor, face a ameaça de infiltrações pela infantaria apeada inimiga.

As posições de combate são dispostas em profundidade, permanecendo aí as forças, excepto quando houver necessidades de movimentos locais ou para posições de alternativa ou suplementares. Se certas posições de combate se tornarem insustentáveis durante o combate, o Comandante de Companhia retira de acordo com o planeamento prévio.

A profundidade da defesa deriva do posicionamento inicial dos pelotões e armas e da manobra.

Esta forma de defesa é mais forte contra blindados mas vulnerável aos ataques de infantaria ou à acção de armas combinadas dirigidas a uma posição de combate de cada vez. Por isso o mesmo, na preparação das posições de combate, dá-se ênfase à segurança em todas as direcções e ao apoio mútuo.

Figura 02: *Ilustração de Defesa em Profundidade*



Fonte: Manual de Companhia de atiradores (2001, p.77)

Ao desenvolver a defesa em profundidade, pretende-se derrotar o atacante montado o mais à frente possível, confrontando-o simultaneamente com fogos anticarro eficazes, proveniente de múltiplas posições de combate, enquanto ele tenta manobrar em torno delas. Os intervalos que não possam ser eficazmente batidos pelo fogo, pelas características do terreno ou devido a vegetação densa, são cobertos por minas, outros obstáculos, posições de combate de

infantaria e por patrulhas. O atacante é batido às longas distâncias com fogos da força aérea táctica, de helicópteros de ataque, de artilharia e de modo a poderem desencadear fogos aos seus alcances máximos a partir de múltiplas direcções. Se o inimigo estreitar o contacto, estas armas deslocam-se para posições de tiro de alternativa e suplementares no interior da posição defensiva, para continuarem a fazer fogo e evitarem ser contornadas. Os campos de tiro são limpos para serem explorados ao máximo os alcances de todas as armas anticarro.

Emprega-se a forma de **defesa em profundidade** quando:

- O inimigo tem elevada mobilidade;
- O terreno não favorece a defesa à frente e, no interior do sector existe terreno restrito a blindados ou pode-se torná-lo restritivo;
- O terreno do sector permite bater atacantes montados e apeados.

1.2.6 Técnicas de Defesa

Cada forma de defesa pode utilizar duas técnicas de defesa: **técnica de defesa estática** e a **técnica de defesa dinâmica**.

Nenhuma delas é exclusiva. O predomínio duma, depende da missão, composição, **potencial relativo e mobilidade das forças** e do **ambiente operacional**.

a) Técnica de Defesa Estática

Procura-se manter a posse do terreno, e o fogo, executando essencialmente a partir de posições fixas sobrepõem-se à manobra.

Uma vez na posição definida, a infantaria adopta uma técnica de defesa estática e só os movimentos secundários são planeados. Uma das finalidades desta defesa é a de garantir a posse de terreno ocupado. O desenvolvimento da Companhia de Atiradores varia segundo os factores da decisão (MITM-T).

Normalmente a Companhia de Atiradores defende integrada num Batalhão para negar ao inimigo uma determinada área, proteger os flancos ou desorganizar e destruir o inimigo.

A companhia detém o inimigo com fogos à frente da posição defensiva ou repele-o no caso de a atingir.

O Comandante de Batalhão atribui à Companhia de Atiradores um sector ou posição de combate como parte do sector ou posição de combate do Batalhão. Em certa medida, está assim a controlar o modo como a Companhia se instala, estabelecendo-lhe as dimensões do sector/posição de combate e o terreno a defender. Se julgar que a Companhia necessita mais fogos, reforça-a com secções dos pelotões da Companhia de Apoio de Combate. Se o Batalhão dispuser de carros de combate, o Comandante de Batalhão pode colocar um Pelotão de Carros de Combate sob controlo operacional da Companhia. Pode também atribuir prioridade de fogos de artilharia ou de morteiros à Companhia, incluindo os fogos de protecção final (fogos de barragem). A Companhia pode ainda dispor de uma Secção ou Pelotão de Engenharia em apoio directo, sob controlo operacional, para construção de obstáculos ou das posições defensivas.

Se a Companhia ficar em reserva o Comandante de Batalhão designa-lhe a posição principal e suplementar.

O Comandante de Companhia tem em consideração os factores da decisão (MITM-T) ao escolher as posições de combate para os pelotões e armas e a distribuição do potencial de combate. Consegue profundidade de defesa em todas as direcções, atribuindo aos pelotões e às armas posições principais, de alternativa e suplementares. O Comandante de Companhia tem de saber como empregar a sua unidade e também como defender o Batalhão. Deve também conhecer as possibilidades das unidades de apoio de combate que apoiam a Companhia na defesa.

A **técnica de defesa estática** pode adoptar-se quando:

- A missão recebida impõe a posse de terreno;
- O terreno restringe o movimento das nossas forças;
- O inimigo dispõe de mobilidade táctica superior;
- O inimigo dispõe de superioridade aérea suficiente para limitar ou impedir o movimento das reservas ou outras forças;
- O tempo disponível permite uma boa organização da posição.

b) Técnica de Defesa Dinâmica

A técnica de defesa dinâmica, normalmente empregue pelas unidades mecanizadas e blindadas, destina-se a enfrentar uma força altamente móvel. Adota-se para desgastar o atacante, confrontando-o em continuidade com subagrupamentos e agrupamentos em posições de combate escalonadas em profundidade e em apoio mútuo. A destruição das forças inimigas é prioritária em relação à manutenção da posse do terreno, e a manobra sobrepõe-se ao fogo.

A técnica de defesa dinâmica **pode adoptar-se quando:**

- A destruição do inimigo é prioritária;
- O terreno facilita a manobra das forças em profundidade e não possui valor defensivo natural;
- A mobilidade táctica é igual ou superior à do inimigo;
- O tempo disponível não permite uma organização do terreno suficientemente desenvolvida;
- Se dispõe de superioridade aérea ou local;
- Se está em ambiente nuclear e o defensor dispõe de armas nucleares;
- A falta de informações não permite determinar com razoável segurança, onde e com que meios o inimigo atacará.

A infantaria pode participar na **técnica de defesa dinâmica:**

- Defendendo áreas edificadas (vilas e cidades);
- Defendendo terreno restritivo a blindados;
- Defendendo um ponto forte em conjunção com unidades blindadas e mecanizadas;
- Garantindo segurança a uma área da retaguarda;
- Efectuando patrulhamentos, infiltrando-se e conduzindo operações aeromóveis limitadas.

1.2.7 Organização da defesa

De acordo com o (Manual da Companhia de Atiradores, 2001), a organização da defesa compreende as seguintes zonas defensivas:

- Zona da Força de Cobertura;
- Zona de Resistência;
- Zona da Reserva.

a) Zona da Força de Cobertura

Começa na Orla Anterior da Zona de Resistência (OAZR) e estende-se para a frente até onde a força de cobertura actuar.

A força de cobertura é organizada normalmente, com base em forças blindadas, mecanizadas e artilharia, dispondo da necessária mobilidade, sendo normalmente, da responsabilidade do Corpo de Exercito ou da Divisão.

Além da força de cobertura, podem ser empregues, pela Brigada e/ou Batalhão, outros elementos de segurança na Zona da Força de Cobertura, actua em regra, até à linha de alturas imediatamente à frente da OAZR e dentro da distância de apoio de fogo das forças colocadas na Zona de Resistência. A nível de Batalhão essa distância é da ordem dos 2 a 5 km da OAZR.

A força de cobertura executa uma ou mais das seguintes missões:

- Alertar com oportunidade as unidades na Zona de Resistência;
- Manter afastadas as unidades de reconhecimento inimigo;
- Obrigar o inimigo a desenvolver;
- Repelir os seus ataques imediatos;
- Descobrir onde é que o inimigo planeia lançar o ataque principal;
- Iludir o inimigo quanto à localização da OAZR, o que proporciona às forças na Zona de Resistência mais tempo para se prepararem.

b) Zona de Resistência

É a zona onde as unidades que defendem tentam deter o inimigo. Começa na OAZR e prolonga-se para a retaguarda e inclui a área organizada pelas unidades subordinadas em primeiro escalão. A Zona de Resistência pode dividir-se em sectores/posições de combate de Brigada, Batalhão e Companhia ou numa combinação destes. A frente e a profundidade de cada sector/posição de combate defendem dos factores da decisão (MIRM-T).

Os eixos de aproximação inimigos mais prováveis para a Zona de Resistência são barrados por maior densidade de unidades defensoras; estas exploram os aspectos defensivos do terreno e concentram o seu potencial de combate para repelir um ataque. Normalmente uma Companhia de Atiradores em primeiro escalão ocupa terreno restritivo ao longo da OAZR. O seu dispositivo depende da frente do sector/posição de combate e os factores da decisão (MTTM-T). a profundidade de uma Companhia de Atiradores em primeiro escalão é função das posições de combate principal, de alternativa e suplementares dos pelotões e das armas.

c) Zona da Reserva

Estende-se para a retaguarda da Zona de Resistência, até ao limite à retaguarda da unidade.

À Companhia de Atiradores pode ser atribuída a missão de reserva pelo Comandante de Batalhão de acordo com o seu conceito da operação.

A nível Batalhão, normalmente, não existem reservas com a finalidade de realizar contra-ataques.

1.2.7 Planeamento da Defesa

Ao receber a ordem de defesa do Batalhão, o Comandante de Companhia dá início aos procedimentos de comando e faz um estudo da situação, em que considera os factores da decisão (MITM-T). a consideração destes factores ajuda o Comandante definir o modo como empregar os seus pelotões e armas e como os vai apoiar com fogos indirectos.

O Comandante de Companhia atenta no tipo de inimigo (infantaria, infantaria mecanizada, carros de combate) que vai combater. Isto terá impacto no modo como vai dispor os seus pelotões e armas.

Toma igualmente em consideração as características do **terreno** onde irá combater e também as **condições meteorológicas** em que vai actuar. Ao estudar terreno, analisa-o sob o ponto de vista da observação e dos campos de tiro, dos cobertos e abrigos, dos obstáculos, dos pontos importantes e dos eixos de aproximação prováveis do inimigo. Ao verificar as condições meteorológicas, consta como irão afectar o pessoal, o equipamento, a visibilidade e a traficabilidade.

O Comandante de Companhia considera ainda os meios disponíveis para defender a posição e o **tempo** que tem para preparar a defesa.

a) Plano de Defesa

Após receber a missão de defender e ter considerado os factores da decisão (MITM-T), o Comandante de Companhia elabora um plano de defesa, compreendendo:

- Emprego dos pelotões em primeiro escalão;
- Emprego do segundo escalão (se utilizado);
- Emprego das armas anticarro e dos carros de combate;
- Emprego dos morteiros da Companhia;
- Emprego de outros fogos indirectos;
- Emprego de minas e de obstáculos;
- Medidas de segurança;
- Apoio de serviços;
- Escolha de um posto de comando (PC) e/ou de um posto de observação (PO);
- Prioridade de trabalho.

(1) EMPREGO DOS PELOTÕES EM PRIMEIRO ESCALÃO

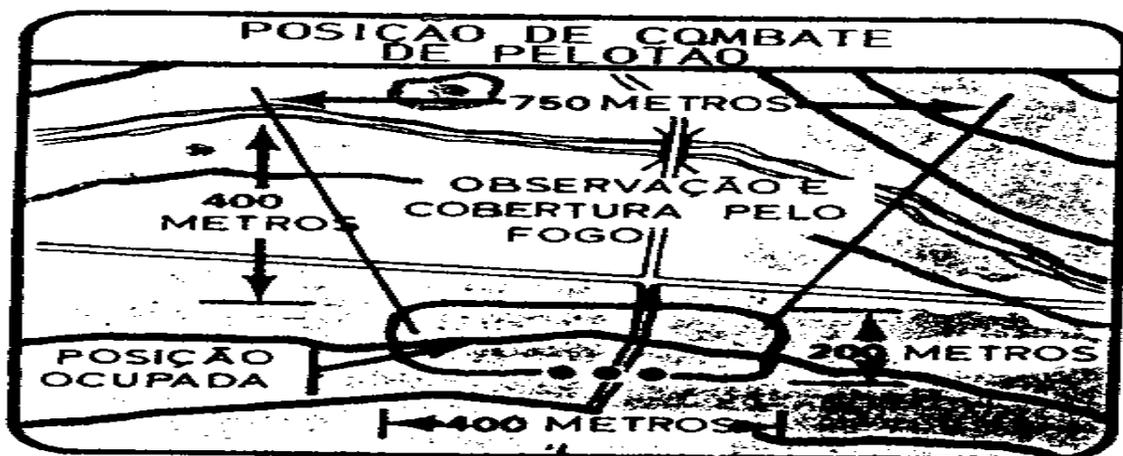
O Comandante de Companhia atribui a cada pelotão uma posição de combate principal a defender e um sector de tiro. Cada posição de combate deve:

- Satisfazer o requisito de deter o inimigo à frente da posição da Companhia;
- Interligar-se e dar apoio mútuo às unidades adjacentes;
- Barrar eixos de aproximação e permitir a concentração de fogos sob o inimigo;
- Possuir bons campos de tiro;
- Ter cobertos e abrigos;
- Permitir a dispersão, quer lateralmente, quer em profundidade.

Na instalação dos pelotões, pode seguir-se como orientação:

- Em terreno ideal, um pelotão no máximo potencial pode controlar pela observação e pelo fogo um sector de tiro com cerca de 750 metros de frente (com bons campos de tiro) e até uma distancia de cerca de 400 metros (alcance da espingarda); a posição pode ter cerca de 200 metros de profundidade.

Figura 03: Ilustração de Posição de Combate de Pelotão



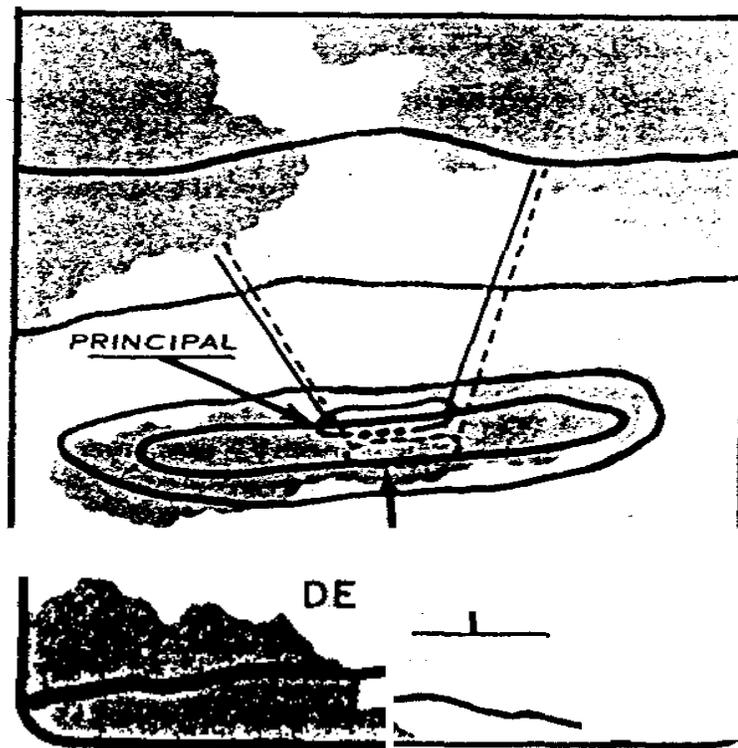
Fonte: Manual de Companhia de atiradores (2001, p.82)

O Comandante de Companhia também pode atribuir aos pelotões, posições de **alternativa** e/ou **suplementares**; contudo estas posições podem não ser indicadas, dependendo do tempo disponível e da situação.

Uma **posição de alternativa** situa-se à frente, num flanco ou um pouco à retaguarda da posição principal. Tem de possibilitar que o pelotão bata o mesmo sector de tiro que era

coberto da posição principal. Pode situar-se à frente da posição principal, em local menos coberto, de modo a ser ocupada quando a visibilidade for limitada. Pode localizar-se à retaguarda ou num flanco da posição principal, para ser ocupada se o pelotão for repellido desta pelo fogo inimigo ou pelo assalto.

Figura 04: *Ilustração de Posições de Combate*



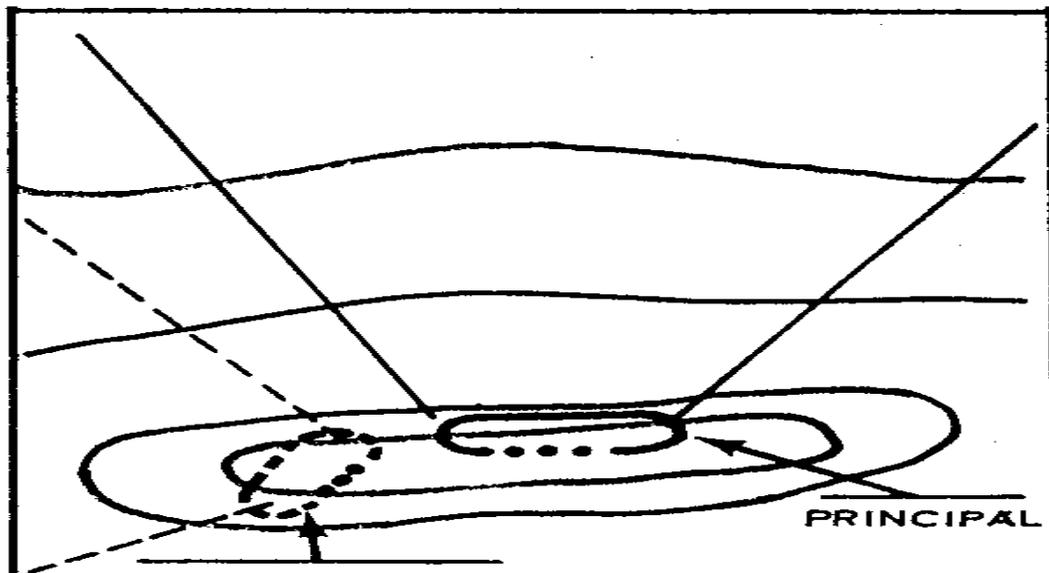
Fonte: Manual de Companhia de atiradores (2001, p.83)

Uma **posição suplementar** fica no flanco ou na retaguarda da posição principal e permite ao pelotão defender-se contra um ataque a partir de um eixo de aproximação que não é batido da posição principal. A posição suplementar é atribuída quando o pelotão tem de cobrir mais do que um eixo de aproximação.

Um pelotão só sai da sua posição principal, para a de alternativa ou suplementar com autorização do Comandante de Companhia ou se, se verificar uma condição que este tenha estipulado como suficiente para o movimento.

Cada Comandante de pelotão prepara e entrega ao Comandante de Companhia um esboço do seu pelotão. Estes esboços auxiliam o Comandante de Companhia a avaliar se o sector da Companhia está adequadamente coberto. Tais esboços porém, não substituem a supervisão física do Comandante de Companhia do dispositivo de defesa da sua Companhia.

Figura 05: *Ilustração de Posição de Combate*



Fonte: Manual de Companhia de atiradores (2001, p.84)

(2) EMPREGO DO SEGUNDO ESCALÃO (RESERVA)

Se a Companhia tiver segundo escalão, este coloca-se à retaguarda dos pelotões em primeiro escalão para aumentar a profundidade da defesa.

O segundo escalão pode ser constituído por um pelotão; ou uma ou duas secções. O Comandante de Companhia atribui ao segundo escalão uma posição de combate principal e uma ou mais posições suplementares. A posição principal fica no eixo de aproximação mais provável do inimigo. As posições suplementares situam-se noutros eixos de aproximação menos prováveis. O segundo escalão ocupa uma posição ou outra conforme for necessário.

Ao segundo escalão pode ser dado uma ou mais das seguintes **missões**, atribuída normalmente em termos de prioridade:

(a) Barrar uma Penetração

O segundo escalão barra uma penetração inimiga pelo fogo. Os pelotões em primeiro escalão colaboram fazendo fogo sobre a entrada e flancos da penetração, mantendo as respectivas posições. Quando o segundo escalão for emprenhado a barrar uma penetração, a reserva do Batalhão, poderá contra-atacar para expulsar a força que penetrou, se todas as condições estiverem reunidas.

(b) Proteger os Flancos e a Retaguarda da Companhia

O segundo escalão prepara posições suplementares para proteger os flancos e a retaguarda da Companhia. O Comandante de Companhia determina sobre que eixo vai ser montada a segurança.

A posição do segundo escalão deve ser coordenada com as posições suplementares dos pelotões em primeiro escalão e com as unidades adjacentes, garantindo o apoio mútuo.

O segundo escalão pode ter de ocupar uma posição suplementar para proteger um flanco se o sector de uma Companhia adjacente tiver sido penetrado.

(c) Apoiar um Pelotão em Primeiro Escalão

Para cumprir esta missão, o segundo escalão é colocado numa posição de onde possa fazer fogo para zonas não ocupadas entre pelotões e para os seus flancos e retaguarda. A sua posição deve ser tão próxima da posição principal dos pelotões em primeiro escalão que lhe permita bater as forças inimigas que penetrem nossa posição. O segundo escalão mantém-se normalmente intacto e só é movimentado pelo Comandante de Companhia quando a situação o impuser.

(d) Posto de Observação e Patrulhas de Segurança

O Comandante de Companhia define as responsabilidades de vigilância e de protecção do segundo escalão. As responsabilidades podem implicar o emprego de sentinelas, PO/PE e patrulhas de segurança.

O segundo escalão pode dispor de dispositivos de detecção nuclear, biológica e química (NBQ), de visão nocturna, granadas incendiárias, minas antipessoal e dispositivos avisadores de ruídos, para efeitos de um alerta oportuno.

O segundo escalão pode garantir a segurança do PC da Companhia, da Secção de Morteiros Médios e de guarnições de armas de apoio no sector da Companhia. Os PO/PE garantem observação e escuta sobre áreas não ocupadas no sector da Companhia, eixos de aproximação e pontos importantes. As patrulhas de segurança reconhecem as áreas que não podem ser observadas por outros meios e mantêm ligação com unidades adjacentes, podendo constituir um meio de comunicação entre PO/PE.

(3) EMPREGO DAS ARMAS ANTICARRO DE MÉDIO ALCANCE (ACarM)

Os Comandantes de Pelotão atribuem, normalmente, posições e sectores de tiro ou zonas de morte as armas ACarM. Contudo, o Comandante de Companhia pode determinar a localização geral e sectores de tiro ou zonas de morte a algumas armas ACarM com a finalidade de cobrir zonas importantes. Por exemplo, diz a um Comandante de pelotão para instalar os MGACarM no flanco da sua posição para integrar estas armas com os MGACarP da Companhia, ou os de uma unidade adjacente, para garantir a cobertura de uma zona.

Seja quem for que atribua as posições e sectores de tiro, o Comandante de Companhia verifica e corrige as posições das armas de modo a não haver intervalos e com o objectivo de garantirem o apoio mútuo entre as subunidades e essas armas. O Comandante de Companhia pode adoptar procedimento semelhante relativamente as metralhadoras.

(4) EMPREGO DOS MÍSSEIS GUIADOS ANTICARROS PESADOS (MGACAaP)

Os MGACarP actuam por secção (duas armas). O Comandante de Companhia ou do pelotão de apoio atribui-lhe a localização geral, os sectores de tiro principais ou secundários ou zonas de morte. Os Comandantes de Secção escolhem as posições exactas.

Os MGACarP devem estar separados de pelo menos 300 metros para evitar que duas armas possam ser suprimidas pela mesma acção de fogo do inimigo. As posições devem proporcionar apoio mútuo entre si, e entre estas e outras armas anticarro (integração dos fogos ACar), obtém-se alguma protecção para os MGACarP se se mantiver nas proximidades ou atrás de unidades de atiradores.

Algumas armas podem ser temporariamente instaladas nas proximidades ou à frente da OAZR para efectuar fogos antecipados contra viaturas inimigas aos mais longos alcances possíveis. Logo que o inimigo se aproxime, os MGACarP movimentam-se para posições preparadas à retaguarda ou nos flancos.

Se uma ou mais Secções de MGACarP do Batalhão reforçarem a Companhia, o Comandante do Pelotão de Apoio deve controlar estas armas. No caso da Companhia ser reforçada com um Pelotão de Carros de Combate é o Comandante desse pelotão quem controla todas as armas ACar.

Em consequência, é o Sargento do Pelotão de Apoio ou o Comandante da Secção de Morteiros quem controla os morteiros médios.

(5) EMPREGO DE CARROS DE COMBATE

A Companhia de Atiradores pode ter em **reforço** ou **sob controlo operacional** um Pelotão de Carros de Combate.

Fazendo equipa com a infantaria, os carros de combate dispõem de uma excelente capacidade de contra-ataque, podendo mudar de posição rapidamente, mesmo debaixo de fogo.

Na defesa, a Companhia de Atiradores tem duas modalidades básicas para emprego dos carros de combate.

Em ambas, o Comandante de Companhia escolhe a sua localização geral e os sectores de tiro. Nesta tarefa é auxiliado e aconselhado pelo Comandante de Pelotão de Carros de Combate, o qual por sua vez escolhe as posições exactas dos carros de combate e controla o respectivo fogo e movimento.

(a) Primeira Modalidade

Consiste em integrar os carros de combate na defesa da Companhia, quer lateralmente, quer em profundidade, para bater os eixos de aproximação de blindados. Isto faz-se quando apenas existe algumas posições de tiro razoáveis ou no caso de o terreno restringir a rapidez do movimento dos carros de combate. Cada carro tem de ter o apoio mútuo de, pelo menos, outro carro. Deve também garantir-se o apoio mútuo entre os carros e as restantes armas anticarro da Companhia.

O emprego dos carros de combate, tal como se refere, dá cobertura ao sector da Companhia. Facilita aos carros baterem o inimigo com fogos de flanco a partir de diferentes direcções e impede que o inimigo suprima todos os carros de uma só vez. Os carros permanecem sob controlo do Comandante do Pelotão de Carros de Combate.

(b) Segunda Modalidade

No caso de existirem vários eixos de aproximação de blindados que penetram no sector da Companhia, manter os carros de combate em reserva numa posição de combate atrás dos pelotões em primeiro escalão.

Contudo, devem existir suficientes posições de tiro e itinerários para os carros de combate. Ao aparecerem os objectivos, os carros movimentam-se para posições de tiro à frente ou nos flancos. Este procedimento facilita a concentração dos carros de combate num ponto crítico para repelir um ataque. Facilita o controlo dos carros de combate e não sujeita as outras forças ao fogo inimigo dirigido ao Pelotão de Carros de Combate.

(6) EMPREGO DOS MORTEIROS DA COMPANHIA

A Secção de Morteiros Médios da Companhia instala-se (se for exequível) onde possa bater toda ou a maior parte do sector da Companhia.

A sua localização deve ser tal que permita aos morteiros bater objectivos, dentro do respectivo alcance mínimo, situados no interior do sector ou posição de combate da Companhia. Isto permite que os morteiros colaborem na detenção do inimigo que tenha penetrado a defesa ou apoiem um contra-ataque. Um método simples e prático para escolher a posição dos morteiros é instalá-los de modo a que **metade a dois terços** do seu alcance atinja a zona à frente da posição da Companhia. Contudo, deve ter-se em atenção a distancia a que a Companhia consegue observar e identificar objectivos. As posições dos morteiros devem ser desenhadas e cobertas.

Planeiam-se posições de alternativa a ocupar no caso de os fogos de contra-morteiro do inimigo obrigarem a sair da posição principal.

(7) EMPREGO DE OUTROS FOGOS INDIRECTOS

O Comandante de Companhia e os seus observadores avançados planeiam fogos indirectos para objectivos até à distância em que possam ser observados. Prevêem objectivos em todos os prováveis eixos de aproximação e em locais de provável utilização pelo inimigo no ataque, tais como PO, posições de sobreapoio, zonas de reunião, bases de assalto e locais de passagem obrigatória.

Também se planeiam fogos sobre e nas proximidade de posições amigas para deter prováveis penetrações ou apoiar um contra-ataque.

O Comandante de Companhia e os observadores avançados planeiam a localização exacta de uma linha de protecção final (LPF), onde devem situar as barragens, planeadas para o eixo de aproximação mais perigoso do inimigo, com a finalidade de conferir protecção imediata às forças defensoras durante um assalto inimigo. É planeada tão perto quanto possível das forças amigas mas sem as pôr em perigo. Se for pedida uma barragem, esta será executada continuamente até que o Comandante de Companhia a mande parar. A Companhia dispõe de uma barragem efectuada à custa da sua Secção de Morteiros Médios e pode dispor de outras dos morteiros pesados do Batalhão e/ou da artilharia de campanha.

A lista de objectivos para fogos indirectos planeada pelo Comandante de Companhia e observadores avançados, é enviada para aprovação ao Centro de Coordenação de Apoio de Fogos do Batalhão (CCAF).

Aprovada a lista de objectivos o CCAF atribui uma numeração aos objectivos e devolve a lista ao Comandante de Companhia. A lista de objectivos é em seguida distribuída pelos comandantes de pelotão ou respectivos observadores avançados.

Durante a defesa, a Companhia pode ter apoio de morteiros da Companhia, dos morteiros do Batalhão ou de qualquer unidade de artilharia de campanha.

(8) EMPREGO DE MINAS DISPERSÁVEIS

As minas anticarro e antipessoal empregam-se em complemento dos obstáculos e dos fogos indirectos. Minas dispersáveis são lançadas pela artilharia ou por aeronaves.

Se o sector for extenso e o inimigo tiver possibilidades de atacar em vários eixos, em cada um deles planeiam-se objectivos para minas dispersáveis. Logo que se verifique o ataque, a artilharia lança estas minas sobre os eixos que o inimigo estiver a utilizar. Além disso o Comandante de Companhia pode ordenar ao respectivo observador avançado que regule o lançamento de minas sobre uma formação inimiga, detida por um obstáculo. Este procedimento desorganiza as formações inimigas e provoca pesadas baixas.

(9) EMPREGO DE OUTROS OBSTÁCULOS

A Companhia emprega **campos de minas, redes de arame farpado e outros** obstáculos artificiais, para causar baixas, canalizar e retardar o inimigo a fim de aumentar a sua exposição ao fogo defensivo.

Devem combinar-se obstáculos antipessoais e anticarro para retardar ou deter um ataque.

Obtém-se melhores resultados implantando os obstáculos artificiais em profundidade e os existentes são melhorados para lhe aumentar a eficácia. Todos os obstáculos têm de ser observados e batidos pelo fogo, o que torna mais difícil controlá-los ou abrir brechas.

(10) MEDIDAS DE SEGURANÇA

O Comandante de Companhia estabelece um sistema de segurança para impedir a observação do inimigo ou ser surpreendido. Baseia este sistema em directivas do Batalhão, na situação do inimigo, no terreno e nas condições de visibilidade. O sistema deve contemplar medidas **activas e passivas**.

(a) Medidas de Segurança Activas

Podem incluir postos de observação, exercícios de alerta e patrulhas. O Comandante de Companhia pode determinar que cada pelotão monte determinado número de PO. Se o não fizer os comandantes de pelotão decidem de acordo com as necessidades. Deve haver pelo menos um PO por pelotão. Em terreno fechado ou durante períodos de visibilidade limitada, pode até existir um por secção.

O Comandante de Companhia pode também determinar que se mantenha um determinado número de homens em missão de segurança permanente. O número varia com a situação do inimigo, o terreno e a visibilidade. Como orientação, adianta-se que pelo menos um terço do pessoal deve estar hipotecado em permanência à segurança.

Quando for esperado um ataque, a Companhia inteira deve estar empenhada na segurança. Tal grau de segurança não deve ser mantido por períodos extensos. O Comandante de Companhia deve ter presente que os seus homens precisam de descansar tendo em vista operações futuras, contudo, a segurança não pode ser subordinada ao descanso.

Um exercício de alerta, é realizado de manhã e à tarde para garantir que cada homem se adapte às alterações das condições de luz e de som e que está avisado, equipado e pronto para o combate.

O alerta deve ter início antes do crepúsculo náutico matutino e continuar para além deste, após o nascimento do dia. No período da tarde deve ter início antes do crepúsculo náutico vespertino e terminar já na escuridão. As horas de início e fim devem variar para se evitar a rotina, embora o alerta deva prolongar-se por tempo suficiente de modo a cumprir a sua finalidade.

O Batalhão pode determinar às suas companhias o envio de patrulhas cujas missões contribuam para a segurança.

O Comandante de Companhia pode enviar mais patrulhas em complemento das determinadas pelo Batalhão, para satisfazer as necessidades de segurança da Companhia. As patrulhas reconhecem espaços mortos no sector, intervalos entre pelotões, intervalos entre a Companhia e unidades adjacentes e flancos desguarnecidos. O segundo escalão da Companhia, (dependendo do seu efectivo), normalmente fornece estas patrulhas.

Os pelotões em primeiro escalão podem enviar patrulhas de segurança semelhantes. Todas as patrulhas enviadas pela Companhia ou pelos seus pelotões devem ser coordenadas com Oficial de Informações do Batalhão (Plano de Patrulhas).

(b) Medidas de Segurança Passivas

Podem incluir a camuflagem, o controlo de movimento, a disciplina de luzes e de ruído, a utilização de procedimentos radiotelefónicos correctos, e o emprego de radares de vigilância terrestre e de sensores terrestres.

Estes sensores e radares podem ter utilidade como avisadores do movimento inimigo. Os apontadores das armas anticarro podem colaborar na segurança, quer de dia, quer de noite, por intermédio dos respectivos aparelhos de pontaria. A Companhia deve também empregar de forma integrada os seus dispositivos de observação nocturna, na tarefa de vigilância.

(11) APOIO DE SERVIÇOS

O Comandante de Companhia escolhe a localização geral dos Trens da Companhia, do Posto de Primeiros Socorros e do Local de Reunião de Prisioneiros de Guerra.

Os Trens da Companhia são divididos, em regra, em dois núcleos: um, constituído por elementos que se deslocam com a Companhia e outro por elementos que se juntam aos Trens de Combate/Campanha do Batalhão, dependendo do método utilizado para alimentação. Com a Companhia somente ficam as viaturas, o pessoal e os abastecimentos necessários para lhe dar apoio imediato.

O que não for imediatamente necessário fica no núcleo que se junta aos Trens de Combate de Batalhão.

Os elementos avançados dos Trens da Companhia devem estar desenhados (em posição coberta e abrigada) à retaguarda da Companhia. O equipamento de que o pessoal não necessita permanentemente (como saco de bagagem, saco de dormir e artigos pessoais) deve ser mantido nos trens da Companhia e trazido à frente quando for necessário.

O Posto de Primeiros Socorros da Companhia fica próximo do respectivo posto de comando (PC). O local de reunião de prisioneiros de guerra localiza-se à retaguarda, mas afastado do PC da Companhia.

(12) ESCOLHA DO POSTO DE COMANDO E POSTO DE OBSERVAÇÃO

Quando o terreno permitir boa observação sobre a maior parte do sector da Companhia, o Comandante de Companhia escolhe um PO, normalmente numa posição de um dos pelotões em primeiro escalão, do qual possa observar o combate. (O PO do Comandante não coincide com um PO montado para efeitos de segurança). Pode tornar-se necessário escolher mais do que um PO para poder observar-se o sector inteiro.

Ainda que o PO seja o posto de combate do Comandante de Companhia, este desloca-se onde necessário mantendo o PC informado da sua localização.

O Comandante de Companhia escolhe um PO à retaguarda dos pelotões em primeiro escalão, numa posição desenhada e coberta da observação terrestre e aérea. Da mesma forma, selecciona itinerários cobertos e abrigados para entrada e saída do PC. Normalmente, a sua própria segurança, posicionando o PC próximo do segundo escalão. Em PC com uma Secção de Atiradores.

Quando o terreno apenas proporciona uma limitada observação sobre o sector da Companhia o Comandante pode não escolher um PO, escolhendo só um PC e actua a partir daí. Neste

caso, continua a deslocar-se para onde a sua presença for necessária mas o PC é o seu posto de combate.

Tanto o PO, como o PC, são organizados (enterrados) e em ambos se preparam posições de combate, individuais.

(13) PRIORIDADE DE TRABALHOS

Há muitas tarefas a executar durante a defesa. De acordo com o (Manual da Companhia de Atiradores, 2001, p.92), “O Comandante de Companhia tem de estabelecer uma prioridade em que indicará a sequência pela qual tais tarefas são executadas, embora algumas possam ser executadas ao mesmo tempo”. A prioridade dos trabalhos, habitualmente, está contemplada em NEP ou na ordem de operações.

Quando estiver estabelecida em NEP, o Comandante de Companhia só inclui na sua ordem de operações algumas alterações impostas pela situação.

Exemplo de uma prioridade de trabalhos:

- Montar segurança local;
- Instalar armas anticarro, metralhadoras e o pessoal e atribuir-lhes sectores de tiro;
- Limpar campos de tiro e preparar cartas de tiro;
- Preparar e organizar as posições de combate;
- Instalar as linhas telefónicas;
- Implantar obstáculos e minas;
- Melhorar a organização das posições de combate principais, construindo a protecção superior;
- Preparar posições de combate de alternativa e suplementares;
- Armazenar munições, alimentos e água;
- Abrir trincheiras de ligação entre posições de combate.

CAPITULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo são descritos os procedimentos metodológicos que orientaram as linhas desta investigação, sendo método o conjunto de caminhos que levam ao objectivo da investigação.

Para realização do presente trabalho, foi fundamental traçar um conjunto de regras ou caminhos durante o qual permitiram a sua efectivação. A metodologia é a parte do trabalho que aposta para a descrição de forma breve e precisa das técnicas e processos usados durante a pesquisa, bem como o delineamento experimental. Nesta parte encontram-se os métodos e técnicas da pesquisa, através dos quais procede-se a descrição de todas as vias ou caminhos a serem seguidos para a elaboração do trabalho.

Para a realização e efectividade da determinada pesquisa torna-se necessário traçar uma metodologia. Entretanto, metodologias são caminhos traçados de modo a obter um trabalho científico, obedecendo de certa maneira várias etapas desde tipo de pesquisa, técnica de colecta de dados, universo e ultimamente a amostra.

2.1 Metodologia

Segundo Lakatos & Marconi (1991, p. 40), metodologia “é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exacta de toda acção desenvolvida no processo de trabalho de pesquisa”.

Em termos metodológicos, este trabalho enquadra-se dentro da tipologia de estudo de caso onde, a partir da descrição/interpretação de caso particular, procura-se responder os objectivos traçados. Caracteriza-se pelo facto de que reúne informações tão numerosas e tão pormenorizadas quanto possível com vista a abranger a totalidade da situação. Assim sendo, o estudo recai sobretudo na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.

2.2 Tipo de pesquisa

2.2.1 Quanto a abordagem

Olhando a natureza do problema e a relevância do estudo a pesquisa quanto a abordagem foi qualitativa que, segundo Bogdan & Biklen (1994, p. 11) “é uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais”.

A investigação qualitativa tem na sua natureza, segundo Bogdan & Biklen (1994), cinco características: (1) a fonte directa dos dados é o ambiente natural, ao passo que o investigador

é o principal agente na recolha desses mesmos dados; (2) os dados que o investigador recolhe são especialmente de carácter descritivo; (3) os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo em si, do que propriamente pelos resultados; (4) a análise dos dados é feita de forma indutiva e (5) ao investigador interessa, acima de tudo, tentar compreender o significado, que os participantes dão às suas experiências.

Para ele, o aspecto qualitativo de um estudo pode estar presente em informações colhidas por instrumentos quantitativos, sem que se perca o referido aspecto qualitativo quando estas informações são transformadas em dados com o objectivo de se ter maior exactidão nos resultados.

A escolha da pesquisa qualitativa deveu-se pela natureza do fenómeno em pesquisa, neste caso os factores que contribuem para a falta de ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”, pois irá ajudar a classificá-la, assim como estabelecer uma ponte sobre o contributo profissional de forma mais aprofunda e objectiva, pois espera-se ajudar também a entrar na complexidade dos acontecimentos a partir de interpretação dos dados, descrever as características e situações emocionais dos factos, sem manipular os sujeitos, ou mesmo das interpretações dos sujeitos a cerca da instrução prática dos cadetes de infantaria face as operações defensivas.

2.2.2 Quanto aos objectivos

Dado ao teor do problema em estudo, a pesquisa quanto aos objectivos foi descritiva, em que Segundo Rodrigues (2007, p. 8) “é aquela que consiste na observação, no registo, análise, classificação e interpretação de factos sem a interferência do pesquisador”.

A forma descritiva irá ajudar a proponente na descrição dos vários factores que condicionam a ocorrência do fenómeno em relação a falta de ligação teoria e prática no serviço de instrução dos cadetes de infantaria nas operações defensivas.

2.2.3 Quanto aos procedimentos técnicos

Quanto a modalidade ou procedimento a ser usado durante a pesquisa, a mesma foi de campo, visto que, segundo Gil (1999), “é aquela que consiste em aprofundar uma realidade específica. É basicamente realizada através de observação directa das actividades realizadas pelo grupo estudado e de entrevistas ou questionário com informantes para captar as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade”.

Para Vasques (2003, p. 10) a pesquisa de campo “é o tipo de pesquisa baseada em documentação directa, o levantamento de dados é realizado no local onde ocorrem os fenómenos com o objectivo de obter informações sobre um problema, confirmar uma hipótese, ou descobrir novas relações entre factos por meio da observação”.

Neste caso a pesquisa foi realizada na Academia Militar “Marechal Samora Machel”, cujo ponto fulgurante ou seja, o objecto da nossa pesquisa era as operações defensivas.

2.3 Técnica de colecta de dados

Para a presente pesquisa a autora recorreu a entrevista do tipo semi-estruturada e questionário constituído por perguntas do tipo fechado, cuja entrevista foi dirigida aos docentes da cadeira de Tática de Infantaria e o questionário foi dirigido aos Cadetes de Infantaria, como forma de obter informações profundas em relação aos factores que contribuem para a falta de ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.

2.3.1 Entrevista

Segundo Lakatos & Marconi, (2002, p. 107) Entrevista “ é uma interacção social, dialogo em que uma parte busca para colectar e a outra parte é fonte de informação”.

A técnica de investigação pela entrevista consiste na conversação face a face de maneira metódica, fornecendo a entrevistadora, verbalmente a informação necessária. Acontece em conversa entre a investigadora e a pessoa a ser investigada e daí a investigadora colhe informações sobre psiquismo. De um modo geral serve para acrescentar e aprofundar informações colhidas a partir da observação e experimentação, a investigadora apresenta-se frente à frente ao investigado e lhe formula perguntas com vista a observação dos dados interessantes a investigação.

O uso desta técnica permitiu colher sensibilidades, conhecimento de opiniões, crenças e expectativas na base de questões previamente elaboradas pela investigadora para serem respondidas pelos investigados ou informantes.

Para esta pesquisa a proponente irá utilizar como técnica de recolha de dados a entrevista semi-estruturada, que caracteriza-se na existência de um guião previamente preparado que serve de eixo orientador ao desenvolvimento da entrevista.

A entrevista semi-estruturada:

- Garante que os que diversos participantes respondam às mesmas questões;
- Não se exige uma ordem rígida nas questões mas que todas elas sejam incluídas na entrevista;
- O guião funciona como um checklist;
- O desenvolvimento da entrevista vai-se adaptando ao entrevistado e;
- Mantém-se um elevado grau de liberdade na exploração das questões.

2.3.2 Questionário

“É um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com objectivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar” (Chizzoti, 2000, p. 55).

2.4 Universo e Amostra

2.4.1 Universo

Segundo Gil (1999, p. 99) universo (também chamado população) “é um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características comuns”.

Portanto pode entender-se como universo o grupo composto por indivíduos que tenham características comuns e que sejam no entanto objecto que se pretende tratar ou seja, o universo representando a totalidade de indivíduos com características comuns.

Para a pesquisa que se realizou, teve como universo, todos os docentes e cadetes do curso de infantaria da Academia Militar “Marechal Samora Machel”.

2.4.2 Amostra

Para Stratton & Hayes (2003, p. 8) “amostra é uma parte da população que é estudada de modo que o pesquisador possa fazer a generalização sobre o todo da população original”.

Portanto amostra é um subconjunto de elementos pertencentes ao universo da população em estudo.

O presente trabalho emprega uma abordagem de Pesquisa qualitativa e a autora utilizou um procedimento para definir a amostra: a *amostragem intencional*, que na óptica Aaker et al (2001), os pesquisadores utilizam seu julgamento para identificar as amostras mais representativas. A amostra para essa pesquisa foi composta por oito (08) indivíduos, sendo três (03) Docentes de Tática de Infantaria e cinco (05) Cadetes de Infantaria.

Portanto, a nossa amostra foi seleccionada dentro de uma população já determinada pela natureza do tema desta pesquisa cujo tamanho da amostra dependeu da população.

2.5 Caracterização do campo de estudo

O tema proposto “Instrução Prática de Operações defensivas ao Cadetes de Infantaria” teve como campo de estudo a Academia Militar “Marechal Samora Machel” localizado na cidade de Nampula.

A Academia Militar por motivos de estar inserido dentro do quadro geográfico da cidade de Nampula, é importante fazer-se a localização geográfica da mesma cidade. A cidade de Nampula situa-se na região norte do país, aproximadamente no centro do espaço geográfico do distrito de Nampula-Rapale, um pouco deslocado para nordeste e ocupa uma área de 404km².

De Este para Oeste tem uma extensão de 24.5km, entre meridianos de 39°23'28" e 39°10'00" Este. No sentido Norte e Sul estende-se por 20.25km desde o rio Monapo, a uma latitude de 15°01'35" Sul, até ao riacho Muepelume, no paralelo 15°13'15" Sul. (Geografia e Cadasto CMCN).

2.5.1 Academia Militar “Marechal Samora Machel”

Academia Militar “Marechal Samora Machel” é uma instituição do ensino superior militar criada no ano de 2003 através do decreto nº 62/2003, de 24 de Dezembro do Conselho de Ministro, cuja natureza é de desenvolver actividades de ensino, de investigação e de apoio à comunidade com a missão essencial de formar oficiais destinados aos Quadros Permanentes das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM). Segundo Decreto-lei nº 62/2003 de 24 de Dezembro, de Conselho de Ministros no (Boletim da República, 2000, p. 1) este estabelecimento realiza cursos de qualificação, actualização ou especialização de interesse para as Forças Armadas de Defesa de Moçambique.

Ministra cursos de preparação militar a licenciados admitidos por concurso para os Quadros Permanentes, com vista a dotá-los de conhecimentos técnicos profissionais necessários ao exercício das funções da classe e do quadro especial a que se destinam, quando não obtidas no âmbito do artigo n.º 1 do regulamento da Academia Militar.

Figura 06: *Ilustração da vista frontal da Academia Militar “Marechal Samora Machel”*



Fonte: Autora TIA, 2016.

Antes da independência, as instalações da Academia Militar “Marechal Samora Machel” serviram de Quartel-general do exército colonial português em Moçambique e é aqui onde eram planificadas as operações para travar o avanço da Luta de Libertação Nacional.

A conhecida Operação “Nó Górdio”, comandada pelo General Kaúlza de Arriaga, era planificada nestas instalações. Esta instituição, de ensino superior militar, é a concretização dos ideais do Primeiro Presidente de Moçambique independente e Comandante - Chefe das FDS, Marechal Samora Machel, o patrono desta Academia, sobre a necessidade de transformar o exército de guerrilha em exército regular, dotado de homens e meios capazes de defender a soberania, integridade territorial e a independência nacional, alcançada em 1975.

Assim, em 2 de Outubro de 1978, Marechal Samora Machel inaugurou, neste local, a Escola Militar para a formação de oficiais com nível médio para o comando das subunidades das Forças Armadas. Na altura, o país não tinha recursos humanos qualificados para leccionação numa AM, devido à pesada herança colonial de analfabetismo, pelo que a formação de oficiais de nível superior, em diversas especialidades, era feita apenas no estrangeiro. A Escola Militar serviu de base para a formação de oficiais com o nível médio que mais tarde se beneficiaram

de formação superior em várias Academias Militares Estrangeiras. É parte deste corpo de oficiais que hoje constitui o corpo docente da AM.

Esta instituição foi criada para a formação de oficiais com nível superior para o quadro permanente das FADM, desenvolvendo actividades de ensino, investigação e de apoio à comunidade.

Segundo Decreto nº 62/2003 de 24 de Dezembro, de Conselho de Ministros no (Boletim da República, 2000, p. 1) este estabelecimento realiza cursos de qualificação, actualização ou especialização de interesse para as Forças Armadas de Defesa de Moçambique.

Ministra cursos de preparação militar a licenciados admitidos por concurso para os Quadros Permanentes, com vista a dotá-los de conhecimentos técnicos profissionais necessários ao exercício das funções da classe e do quadro especial a que se destinam, quando não obtidas no âmbito do artigo nº1 do regulamento da Academia Militar.

CAPITULO III- APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Este capítulo é reservado a apresentação, análise e interpretação de dados recolhidos através do guião de entrevista e questionário, procurando Conhecer os factores que contribuem para a falta de ligação teoria e prática das operações defensivas aos cadetes de infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”. Para o efeito, procurou-se neste caso, dar respostas aos objectivos fundamentais que guiaram as linhas de pesquisa do trabalho.

Em seguida, a autora fez a análise e interpretação do resultado da questão. Foi usado fundamentalmente o método qualitativo, por se basear na recolha de dados não numéricos.

Neste tipo de pesquisa os dados são analisados sob padrões que produzem sínteses narrativas e descritivas.

Nesta pesquisa, o interesse do pesquisador volta-se para a busca do significado das coisas (fenómenos, manifestações, ocorrências, factos, inventos, vivencias, ideias, sentimentos, assuntos), porque estes tem um papel organizador nos seres humanos.

“Num outro nível, os significados que as “coisas” ganham, passam também a serem partilhados culturalmente e assim organizam o grupo social em torno destas representações e simbolismos” (Richardson, 1999, p. 42).

O autor acima citado caracteriza este método de pesquisa de não generalização matemática, pois, não se pauta em quantificações das ocorrências ou estabelecimento de relações causa efeito, ela se torna possível à partir dos pressupostos iniciais revistos ou melhorar, dos conceitos construídos ou conhecimentos originais produzidos.

3.2. Apresentação, análise e interpretação dos dados

Os inqueridos desta pesquisa foram: Docentes de Tática de Infantaria e Cadetes do curso de formação de Oficiais na especialidade de Infantaria na Academia Militar respectivamente, visto que estes estão ligados directamente ao fenómeno em estudo e parte destes adquirem o conhecimento da matéria em questão, o que permitiu efectuar-se a apreciação rigorosa das respostas dadas pelos inqueridos.

Foram entrevistados e questionados 8 indivíduos que corresponde a amostra de 100%. Distribuídos em, 3 Docentes e 5 Cadetes.

3.2.1 Apresentação dos dados obtidos a partir da entrevista aos Docentes de Tática de Infantaria

A apresentação dos discursos dos sujeitos da amostra segue a ordem das perguntas formadas no guião de entrevista, para posterior fazer-se a análise e interpretação dos dados.

A pergunta número 1 do apêndice 01: *Na qualidade de Docente de Tática de Infantaria, como é que tem feito a ligação Teoria e Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria.*

A elaboração desta questão tinha como objectivo de obter a partir dos relatos dos docentes como é que eles têm realizado a ligação dos conteúdos teóricos e práticos de operações defensivas. Em resposta, o primeiro docente respondeu que primeiro faz-se a conceptualização dos aspectos teóricos, e de seguida vai-se ao campo para a sua operacionalização. O segundo declarou dizendo que primeiramente ele dá as aulas teóricas em relação a organização das operações defensivas e de seguida é que vão ao campo com vista a demonstrar essa organização. E o terceiro afirmou dizendo que a ligação teoria e prática é feita a partir duma carta que dá-se e depois vai-se ao terreno.

A pergunta número 2 do apêndice 01: *Que instrumentos se tem usado na Instrução Prática de Operações Defensivas para abertura das trincheiras de comunicação assim como das trincheiras individuais.*

O objectivo da elaboração desta questão foi de colher dos docentes informações referente aos meios que recorrem para a abertura das trincheiras de comunicação e individual durante o exercício prático de operações defensivas. Em resposta, dos três docentes entrevistados, foram unânimes em afirmarem que recorrem tanto para as trincheiras de comunicação como individuais o uso das pás individuais e capacetes.

Na minha opinião como autora do trabalho, acho que devia se recorrer a máquinas escavadoras para abertura das trincheiras de comunicação ao invés de pás e capacetes.

A pergunta número 3 do apêndice 01: *Sendo Docente de Tática de Infantaria, quais são os procedimentos realizados na Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.*

A elaboração desta questão teve como principal objectivo obter informações dos docentes em relação aos passos realizados na instrução prática de operações defensivas aos cadetes de

infantaria na AMMSM. Em resposta o primeiro docente disse que os procedimentos dizem respeito ao conhecimento das variantes metódicas do ensino e aos programas de formação dos conteúdos. O segundo afirmou que primeiramente são dadas as aulas teóricas e depois de terminarem é que se vai ao campo para a instrução prática. E o terceiro docente declarou dizendo que toda a instrução parte de uma base teórica que só depois é que se vai ao campo.

A pergunta número 4 do apêndice 01: *Quais tem sido as dificuldades enfrentadas pelos Docentes de Tática de Infantaria na Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria?*

O objectivo da elaboração desta questão foi para obter dos docentes desta cadeira informações relativamente as dificuldades enfrentadas durante a instrução das operações defensivas. Em resposta, o primeiro docente afirmou dizendo que uma das dificuldades é a falta de meios para o procedimento da instrução prática (Tanques; escavadoras; pás). O segundo respondeu dizendo que é a falta de transporte; falta de material de instrução; poucas horas reservadas para as aulas. E o terceiro docente afirmou que a dificuldade encontrada diz respeito ao número de efectivo que é maior em relação ao número de docentes e a redução da área de instrução.

A pergunta número 5 do apêndice 01: *Como Docente de Tática de Infantaria, que factores contribuem para a falta de ligação Teoria e Prática na Instrução de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria.*

Esta questão foi elaborada com o objectivo de aferir dos docentes informações relativas aos factores que contribuem para a falta de ligação teoria e prática na instrução de operações defensivas aos cadetes de infantaria. Em resposta, o primeiro docente entrevistado respondeu dizendo que é devido a falta de competências e políticas institucionais. Os restantes dois docentes afirmaram que um dos maiores factores é a falta de equipamentos apropriados para a instrução de operações defensivas.

A pergunta número 6 do apêndice 01: *Na sua opinião a Academia Militar “Marechal Samora Machel” têm equipamentos (enxada; pás; tanques; máquinas escavadores; etc.) suficientes para a Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria? Justifique a resposta com exemplos.*

A questão foi levantada com o propósito de obter dos docentes informações relacionadas a existência ou não na AM de condições suficientes para a instrução de operações defensivas

aos cadetes de infantaria. Em resposta, todos os três docentes afirmaram não existirem equipamentos (enxada; pás; tanques; escavadoras; etc.) suficientes para a instrução de operações defensivas aos cadetes de infantaria. Em jeito de justificação as respostas comungaram quanto a falta de meios (transportes; pás; enxadas; tanques; espaço). Acrescentaram dizendo que apenas existem condições humanas.

A pergunta número 7 do apêndice 01: *Tendo em conta a sua experiência Docente, o que acha que a Academia Militar “Marechal Samora Machel” deve fazer para melhorar a Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria.*

A elaboração desta questão foi com o objectivo de obter dos docentes suas opiniões em relação as mudanças que a AM deve fazer na Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria. Em resposta, o primeiro docente opinou dizendo que a AM deve equipar com meios; promover capacitações periódicas dos docentes e também algumas trocas de experiências dos docentes que tem oportunidade de viajarem para fora do país em missão de serviço com os docentes que ficam. O segundo docente entrevistado opinou dizendo que a AM deve melhorar o sistema de ensino (revisão curricular) aumentar horas das disciplinas nucleares e também alocar mais meios para o emprego da instrução de operações defensivas. O terceiro docente deu a sua opinião dizendo que a AM deve ter todos os meios ou instrumentos em falta e também deve rever o seu programa de ensino.

3.2.2 Apresentação dos dados obtidos a partir do questionário direccionado aos Cadetes de Infantaria

A apresentação dos discursos dos sujeitos da amostra segue a ordem das perguntas formadas no questionário, para posterior fazer-se a análise e interpretação dos dados.

A pergunta número 1 do apêndice 02: *Durante o período de formação no Curso de Infantaria, já tiveste Instrução Prática de Operações Defensivas?*

A elaboração da questão foi realizada com o objectivo de obter dos cadetes respostas se tiveram ou não a instrução prática de operações defensivas. Em resposta, dos cinco (05) cadetes submetidos ao questionário, três (03) responderam que sim já tiveram instrução prática de operações defensivas e dois (02) responderam que não tiveram.

A pergunta número 2 do apêndice 02: *Sendo estudante se formando no Curso de Infantaria, como é que classifica a Instrução Prática de Operações Defensivas na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.*

Esta questão foi elaborada com o propósito de obter dos Cadetes uma classificação que variava de bom; razoável e péssimo, de que pudesse definir a instrução de operações defensivas na AM. Em resposta, dos cinco (05) cadetes submetidos ao guião de questionário, três (03) cadetes responderam que é razoável e dois (02) afirmaram ser péssimo.

A pergunta número 3 do apêndice 02: *Na sua opinião, tem havido uma ligação entre a Teoria e Prática na Instrução de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.*

A elaboração desta questão teve como objectivo de colher dos Cadetes suas opiniões em relação a existência ou não da ligação teoria e prática dos conteúdos ligados a operações defensivas aos cadetes de infantaria. Em resposta, um (01) cadete questionado respondeu que sim tem havido e os restantes quatro (04) cadetes responderam que não tem havido essa ligação entre os conteúdos teóricos e práticos de operações defensivas.

A pergunta número 4 do apêndice 02: *Achas que a Academia Militar “Marechal Samora Machel” tem Docentes suficientes capazes de responder ao número de Cadetes de Infantaria na Instrução Prática de Operações Defensivas?*

Esta questão foi elaborada com o objectivo de aferir dos Cadetes de infantaria informações em relação a existência ou não de docentes suficientes para responder ao número de cadetes de infantaria na instrução prática de operações defensivas. Em resposta, dos cinco (05) questionados, três (03) afirmaram existir sim docentes suficientes e os restantes dois (02) afirmaram não existirem docentes suficientes.

A pergunta número 5 do apêndice 02: *Tendo em conta as suas observações, achas que a Academia Militar “Marechal Samora Machel” têm equipamentos (enxada; pás; tanques; maquinas escavadoras; etc.) suficientes de modo a proporcionar aos Cadetes do Curso de Infantaria na Instrução Prática de Operações Defensivas?*

O objectivo da elaboração desta questão é de saber dos cadetes, tendo em conta as suas observações se a AM tem equipamentos (enxada; pás; tanques; escavadoras; etc.) suficientes de modo a proporcionar aos cadetes do curso de infantaria uma adequada Instrução Prática de

Operações Defensivas. Em resposta, dos cinco (05) cadetes que compunham a nossa amostra, todos foram unânimes em afirmar que a AM não têm equipamentos (enxada; pás; tanques; escavadores; etc.) suficientes.

3.3 Verificação das Hipóteses

As hipóteses podem ser ou não validadas segundo os dados obtidos durante a pesquisa. Por isso, esta parte meramente fez-se a discussão e a comprovação das hipóteses. Durante a concepção do projecto desta pesquisa, foram formuladas as hipóteses de partida em relação aos factores que contribuem para a falta de ligação teoria e prática da instrução de operações defensivas aos cadetes de infantaria na AMMSM.

Primeira hipótese: A falta de condições financeiras para a aquisição de equipamento (enxadas; pás; tanques; máquinas escavadoras; etc.) na AMMSM pode contribuir para a falta de ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria.

Apoiando-se nos dados obtidos nas questões 2; 5 e 6 do apêndice 01, e dados da questão 5 do apêndice 02, pode-se concluir que a nossa hipótese foi validada, visto que, dos elementos entrevistados, na questão 2, três docentes entrevistados, foram unânimes em afirmarem que recorrem tanto para as trincheiras de comunicação como trincheiras individuais o uso das pás individuais e capacetes. O que na opinião da autora acaba sendo desgastante e moroso para a instrução prática de operações defensivas. Na questão 5 do mesmo apêndice 01, o primeiro docente entrevistado respondeu dizendo que é devido a falta de competências e políticas institucionais. Os restantes dois docentes afirmaram que um dos maiores factores é a falta de equipamentos apropriados para a instrução de operações defensivas. Quanto a questão 6, todos os três docentes afirmaram não existirem equipamentos (enxadas; pás; tanques; máquinas escavadoras; etc.) suficientes para a instrução de operações defensivas aos cadetes de infantaria. Quanto a questão 5 do apêndice 02, dados indicam-nos que, dos cinco (05) cadetes que compunham a nossa amostra, todos foram unânimes em afirmar que a AM não têm equipamentos (enxadas; pás; tanques; máquinas escavadoras; etc.) suficientes.

Na opinião da autora do trabalho, os dados aqui apresentados são suficientes para validar e dar suporte a primeira hipótese visto que, das informações obtidas todas nos levam a concluir que a falta de ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria está ligada a falta de condições financeiras da AM para a aquisição de equipamento (enxadas; pás; tanques; máquinas escavadoras; etc.).

Segunda hipótese: O insuficiente número de corpo docente especializado em operações defensivas na AMMSM pode contribuir para a falta de ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria.

Como forma de verificar se a nossa hipótese foi ou não validada, recorreu-se os dados obtidos da questão 5 do apêndice 01 e questão 4 do apêndice 02, questões essas que foram elaboradas com o objectivo de obter informações que podiam ajudar-nos a responderem ou não a mesma hipótese.

Na questão 5 do apêndice 01, os dados obtidos dão conta que, o primeiro docente entrevistado respondeu dizendo que é devido a falta de competências e políticas institucionais. Os restantes dois docentes afirmaram que um dos maiores factores é a falta de equipamentos apropriados para a instrução de operações defensivas. Na questão 4 do apêndice 02, revelam-nos que, dos cinco (05) cadetes questionados, três (03) afirmaram existem sim docentes suficientes e os restantes dois (02) afirmaram não existem docentes suficientes.

Apoiando-se dos dados obtidos da questão 5 do apêndice 01 e questão 4 do apêndice 02, pode-se afirmar que a nossa hipótese não foi validada, visto que, analisadas as respostas da questão 5, os factores que contribuem para a falta de ligação Teoria e Prática na Instrução de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria é a falta de equipamentos apropriados para a instrução, e feita a análise da questão 4, dos cinco (05) cadetes que fizeram parte da amostra, três (03) afirmaram existiram docentes suficientes, com isso revela-nos não ser a causa da falta de ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria.

Conclusão

Com o culminar da pesquisa que teve como o seu campo a Academia Militar “Marechal Samora Machel” a autora chegou a conclusão de que a Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria na AM ainda é um assunto que merece mais atenção e investimento da parte das instituições competentes, visto que, a componente prática tem sido executada sem respeitar uma estreita ligação com o que se vinha aprendendo durante o processo de transmissão dos conteúdos teóricos.

Diante disso, após a conclusão do estudo sobre a Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria na Academia Militar, tem a se dizer que para o campo onde a autora realizou a sua pesquisa os mesmos representam o principal mecanismo de auxílio para o futuro Comandante de Infantaria, visto que, tendo o domínio da componente teórica e prática de operações defensivas este estará capaz de derrotar um ataque inimigo, ganhar tempo, economizar forças e criar condições favoráveis para desencadear operações ofensivas.

Quanto ao alcance do objectivo geral da pesquisa, dizer que a autora conseguiu alcançar, visto que este visava Conhecer os factores que contribuem para a falta de ligação teoria e prática das operações defensivas aos cadetes de infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.

Em relação as opiniões dos docentes entrevistados, quanto aos factores que contribuem para a não ocorrência da ligação teoria e prática de instrução de operações defensivas aos cadetes de infantaria mencionaram dizendo que é devido a falta de competências e políticas institucionais e também devido a falta de equipamentos apropriados para a instrução de operações defensivas.

Para a autora a pesquisa foi de extrema importância na medida em que ajudou a aprofundar mais o conhecimento em relação aos factores que contribuem para a falta de ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria na AMMSM.

Sugestões

Partindo do princípio de que as operações defensivas são operações militares destinadas a derrotar um ataque inimigo, ganhar tempo, economizar forças e criar condições favoráveis para desencadear operações ofensivas. Também pode ser utilizada para desgastar o inimigo e reduzir a sua capacidade ofensiva com um mínimo de perdas para as forças na defensiva ou simplesmente para impedir as forças inimigas de entrarem numa determinada zona.

Portanto, tendo em conta a primeira hipótese traçada pela autora que pressupunha que: A falta de condições financeiras para a aquisição de material equipamento (enxadas; pás; tanques; escavadoras; etc.) na AMMSM pode contribuir para a falta de ligação teoria e prática de operações defensivas aos cadetes de infantaria. É importante que se tragam algumas sugestões com vista a se resolver o problema de falta de ligação teoria e prática de operações defensivas os cadetes de infantaria. E diante disso levou a autora a elaborar as seguintes sugestões:

- Aumentar a carga horária de Instrução Prática de Operações Defensivas com vista a ajudar os Docentes e Cadetes no domínio da Prática de Operações Defensivas;
- Sugerir a Academia Militar a ir em busca de mais parcerias externas com vista a adquirir equipamentos para a Instrução de Operações Defensivas;
- Promover capacitações e intercâmbios entre os Docentes de Tática de modo a trocarem ideias e experiencias e encontrarem-se saídas com vista a ajudar na ligação Teoria e Prática de Operações Defensivas;
- Convidar os Países amigos a trocarem experiência com as nossas forças, em particular com os Cadetes de Infantaria em matéria de Instrução Prática de Operações Defensivas;
- Proporcionar aos Docentes e Cadetes equipamentos que visam facilitar e promover mais a Instrução Prática de Operações Defensivas.

Bibliografia

Aaker, David A; Kumar, V. & Day, George S. (2001) *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Atlas.

APA. (2006). *Citações e Referências Bibliográficas*.

Bello, José Luiz de Paiva. (2005). *Metodologia Científica: Manual para Elaboração de Textos Acadêmicos, Monografias, Dissertações e Teses*. Rio de Janeiro.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Chiavenato, Idalberto. (2010). *Introdução a Teoria Geral da Administração*. Rio de Janeiro: Campus.

Chizzotti, António. (2000). *Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. São Paulo: Cortez.

Cruz, C. & Ribeiro, U. (2004). *Metodologia científica: teoria e prática*. (2ª edição). Rio de Janeiro: Axcel Books.

Gil, António Carlos. (2002). *Como elaborar projectos de pesquisa*. (4ª edição). São Paulo: Editora Atlas.

_____. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (5.ª edição). São Paulo: Editora Atlas.

Greia, José & Aly, Elias Áchimo & Tomas, Benedito. (2015). *Normas de elaboração e apresentação de trabalhos escritos*. Nampula: Academia Militar “Marechal” Samora Machel.

Lakatos, Eva Maria & Marconi, Marina de Andrade. (2002). *Técnica de Pesquisa*. (2ª edição). São Paulo: Editora Atlas.

_____. (1991). *Metodologia Científica*. (2ª edição). São Paulo: Editora Atlas.

Manual da Escola Prática de Infantaria. *O batalho de infantaria*. Portugal: Exército português.

Manual da Companhia de Atiradores. (2001). *Direcção de Estudos e Instrução*. Escola Prática de Infantaria.

Manual de Companhia. (2003). *Glossário de termos e expressões para uso no exército*. (3ª edição). Exército Brasileiro: Ministério da defesa.

Manual do Agrupamento/Batalhão de Infantaria Mecanizado. (2008). Escola Prática de Infantaria. Exército Português.

Mendes, J. O (2008). *Manual do agrupamento mecanizado de Infantaria*. Portugal: Exército Português

Miguel, M. F (1987). *Regulamento de Campanha 130-1; Operações*. Volume I. Lisboa.

Richardson, Roberto Jerry (1999). *Pesquisa social – Métodos e Técnicas*. (3ª edição). São Paulo: Editora Atlas.

Rodrigues, William Costa. (2007). *Metodologia Científica*. Paracambi: FAETEC/IST.

Soares, V. H. Varela & Adelino, E.A. Neves. (1963). *Dicionário de Terminologia Militar*. Autores. (Original publicado em 1962).

Stratton, Peter & Hayes, Nicky. (2003). *Dicionário de Psicologia*. (1ª edição). São Paulo: Pioneira.

Apêndices

Apêndice 01 - Entrevista direccionada aos Docentes de Tática de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.

A presente entrevista tem como finalidade a recolha de dados sobre a ligação Teoria e Prática de Instrução de Operações Defensivas aos Cadetes do curso de formação de oficiais de Infantaria. Todos os dados recolhidos serão alvo de confidencialidade. Agradeço antecipadamente a sua colaboração respondendo as nossas questões.

1. Na qualidade de Docente de Tática de Infantaria, como é que tem feito a ligação Teoria e Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria.
2. Que instrumentos se tem usado na Instrução Prática de Operações Defensivas para abertura das trincheiras de comunicação assim como das trincheiras individuais.
3. Sendo Docente de Tática de Infantaria, quais são os procedimentos realizados na Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.
4. Quais tem sido as dificuldades enfrentadas pelos Docentes de Tática de Infantaria na Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria?
5. Como Docente de Tática de Infantaria, que factores contribuem para a falta de ligação Teoria e Prática na Instrução de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria.
6. Na sua opinião a Academia Militar “Marechal Samora Machel” têm equipamentos (enxadas; pás; tanques; escavadores; etc.) suficientes para a Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria? Justifique a resposta com exemplos.
7. Tendo em conta a sua experiência Docente, o que acha que a Academia Militar “Marechal Samora Machel” deve fazer para melhorar a Instrução Prática de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria.

Obrigada pela sua colaboração!

Apêndice 02 - Questionário direccionado aos Cadetes do curso de Formação de Oficiais na especialidade de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.

O presente questionário tem como finalidade a recolha de dados sobre a falta de ligação teoria e prática no Serviço de Instrução de Operações Defensivas aos Cadetes do curso de formação de oficiais de Infantaria. Todos os dados recolhidos serão alvo de confidencialidade.

Agradeço antecipadamente a sua colaboração respondendo as nossas questões.

1. Durante o período de formação no Curso de Infantaria, já tiveste Instrução Prática de Operações Defensivas?
a) Sim _____ b) Não _____
2. Sendo estudante se formando no Curso de Infantaria, como é que classifica a Instrução Prática de Operações Defensivas na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.
a) Bom _____ b) Razoável _____ c) Péssimo _____
3. Na sua opinião, tem havido uma ligação entre a Teoria e Prática na Instrução de Operações Defensivas aos Cadetes de Infantaria na Academia Militar “Marechal Samora Machel”.
a) Sim _____ b) Não _____
4. Achas que a Academia Militar “Marechal Samora Machel” tem Docentes suficientes capazes de responder ao número de Cadetes de Infantaria na Instrução Prática de Operações Defensivas?
a) Sim _____ b) Não _____
5. Tendo em conta as suas observações, achas que a Academia Militar “Marechal Samora Machel” têm equipamentos (enxadas; pás; tanques; escavadores; etc.) suficientes de modo a proporcionar aos Cadetes do Curso de Infantaria na Instrução Prática de Operações Defensivas?
a) Sim _____ b) Não _____

Obrigada pela sua colaboração!